



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

Mariana Machado de Bulhões

**Construção do Sujeito Ecológico:
Educação Ambiental a partir da Cultura Local**

Mariana Machado de Bulhões

Brasília – DF

2013

Mariana Machado de Bulhões

Construção do Sujeito Ecológico: Educação Ambiental a partir da Cultura Local

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Profa. Dra. Claudia Marcia Lyra Pato
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Profa. Dra. Cristina Maria Costa Leite
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

BULHÕES, Mariana Machado. Construção do Sujeito Ecológico: Educação Ambiental a partir da Cultura Local. Brasília, fevereiro de 2013. 23582 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.
Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Pedagogia.
FE/UnB – UAB

Dedicatória

Para

Flavio Bulhões (meu pai, um grande
mestre da arte de viver).

(in memoriam)

Agradecimentos

Sem dúvida, essa monografia não teria sido o que ela é se não fosse a contribuição de várias “forças”. Agradeço a todas pelo carinho.

Em particular, quero dizer que gostei muito e me sinto grata pela grande orientação da Profa Rosângela Corrêa que desde o primeiro semestre foi minha professora e me transformou numa “pessoa ecológica”.

A todos da ECODATA que me ensinaram a ser agente ambiental, ao pessoal das comunidades visitadas, que tanto me receberam com ideias, lápis, papel em conversas, que sempre me deram o maior incentivo. Ao pessoal da escola GFQ que permitiram e acreditaram no projeto de intervenção em Olhos D’Água.

A toda minha família, a Paula, a Tê, ao Flavio e à mamãe eu digo: Valeu! Até a próxima!

Não poderia deixar de falar que as sugestões da minha irmã doutora em filosofia Fernanda Machado de Bulhões foram ótimas.

Ao Mano, meu marido que durante todos esses anos me incentivou, me provocando na realização dos meus sonhos.

Por fim, agradeço a meus filhos, Isadora e Caetano, que, com sua alegria, saúde, humor, beleza e inteligência, foram os “grandes” companheiros dessa empreitada e, com certeza, serão de outras...

Resumo

O presente trabalho pretende refletir sobre a construção dos sujeitos ecológicos a partir de uma experiência de educação ambiental na Escola Geminiano Ferreira de Queiroz em Olhos D'Água, município de Alexânia-GO. O sujeito ecológico não pensa somente no "verde", mas engloba a questão social e cultural em sua forma sustentável de ser e estar no mundo, refazendo seu olhar para sua realidade e transformando em atitude e ações o pensar globalmente e agir localmente; é um "estilo ecológico de ser". O objetivo principal nesta monografia foi ressaltar a história e a cultura do lugar como forma dos estudantes refazerem o seu olhar em relação ao meio ambiente em que vivem do ponto de vista geográfico, histórico, cultural e simbólico para que possam atuar na solução dos problemas socioambientais locais. A metodologia utilizada foi a Pesquisa-Ação com práticas escolares interdisciplinares e saídas de campo ao Cerrado para que fosse valorizado sua biodiversidade através da troca de saberes entre os mestres locais e os estudantes. Os estudantes não só apreenderam os conteúdos relativos ao meio ambiente como a preservação da nascente Olhos D'Água, as espécies nativas do cerrado e seu aproveitamento na culinária, bem como assimilaram a importância das questões culturais como o artesanato, a culinária e a medicina popular; eles estão mais sensibilizados quanto à atitude de ser responsável e de ter cuidado com o meio ambiente e a própria cultura. Concluímos que foi gerada uma ação pedagógica em direção ao protagonismo ambiental e cultural dos estudantes na escola em relação a sua história e ao seu lugar mas inevitavelmente é necessário a continuidade e a difusão de projetos educacionais como esse para que realmente se promova a transformação dos valores, das atitudes e o sentido de pertencimento com o lugar.

Palavras-chave: cultura, meio ambiente, educação ambiental, Cerrado, sustentabilidade.

Lista de Siglas:

GFQ (Escola Geminiano Ferreira de Queirós)

UnB (Universidade de Brasília)

UEG (Universidade Estadual de Goiás)

UFG (Universidade Federal de Goiás)

UAB (Universidade Aberta do Brasil)

CNE (Conselho Nacional de Educação)

FEA (Fundamentos da Educação Ambiental)

ONG (Organizações Não Governamentais)

ECODATA (Agencia Brasileira de Tecnologia da Informação)

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

AMPA (Associação de Pais e Mestres e Amigos de Olhos D'Água)

PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)

INL (Instituto Nacional de Linguística)

MEC (Ministério da Educação)

MMA (Ministério do Meio Ambiente)

ONU (Organização das Nações Unidas)

SEMA (Secretaria Especial de Meio Ambiente)

PPP (Projeto Político Pedagógico)

SEDUC (Secretaria de Educação de Goiás)

PRAEC (Programa de Atividades Educacionais Complementares)

NEA (Núcleo de Educação Ambiental)

COM-VIDA (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida)

PSB (Partido Socialista Brasileiro)

Lista de Ilustrações:

Figura 01- Praça Central, com a Igreja Santo Antonio de Olhos D`Água e o Coreto.

Figura 02- Reza inicial no Pouso de Folia.

Figura 03- Mutirão de cozinheiras no pouso de Folia.

Figura04 – Saída de Campo do 4ºano da escola GFQ ao Coreto.

Figura 05- Visita a nascente de Olhos D`Água.

Figura 06-Aula de campo na nascente de Olhos D`Água.

Figura 07- Distribuição das mudas nativas para plantio.

Figura 08- Plantio de Ipê na área da nascente.

Figura 09- Mostra de placas para preservação da nascente.

Figura 10- Saída de campo e identificação de plantas medicinais.

Figura 11-Aula de campo e registros no diário dos alunos.

Figura12- Trilha no Cerrado, no Morro da Alegria.

Figura 13-Etapas da preparação do bolo de Jatobá.

Figura 14- Aula de culinária, produção de bombons diversos com frutos do Cerrado.

Figura 15- Palestra e Entrevista de desfecho do Projeto Cultura e Meio Ambiente.

Fonte: Elaboração própria.

SUMÁRIO

Agradecimentos	05
Resumo	06
Lista de Siglas	07
PARTE I – MEMORIAL	10
PARTE II	
INTRODUÇÃO.....	19
1. História de Olhos D`Água.....	25
2. Escola Experimental em Olhos D`Água.....	31
3. Escola Geminiano Ferreira de Queiróz.....	35
4. Projeto de Intervenção “Educação Ambiental: Cultura e Meio Ambiente no Ensino Fundamental”	38
4.1 Visita ao Coreto e a Nascente.....	44
4.2 Visita ao Morro da Alegria.....	47
4.3 Proposta da culinária do Cerrado e a história oral local	49
5. Análise e Avaliação de Resultados.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	66
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	70

O começo de tudo...

Todo mundo me pergunta: o que você viu nesse lugar? Por que se mudar de um grande centro para um vilarejo? Como você aguenta esse silêncio, esse nada para fazer? São tantas as respostas. Mas só entenderiam se pudessem refazer os sentidos e se abrir a uma diferente maneira de convívio. Moro num lugar que tem mais crianças que idosos, que tem mais eleitores que cidadãos, que tem mais credices que estudos, que tem mais arroz do que feijão... Esse lugar ainda tem muita água, muita nascente, poucos sabem como usá-la sem desperdício, mas muitos sabem oferecê-la a quem chega. Ainda tem muita festa de raiz de catira, de viola, poucos lembram as modinhas, mas muitos sabem o respeito às datas e tradições culturais. Ainda tem missa aos domingos com crianças nos seus melhores vestidos. Poucos procuram fazer por si o caminho em vez de esperar redimida a vontade divina, poucos contestam. Mas muitos têm fé pura. Fé nas benzedoiras e no dia de amanhã. Ainda existem artesãs, contadores de caso, coronéis, políticos padrinhos, crédito fiado, fofoca que ninguém sabe, mulher largada, homem bom e bandido, casas de adobe, ruas com erosão, crianças que tem problemas nos nervos, escolas com merenda, professoras chamadas de tias e etc. Parece uma realidade de outro tempo, no mesmo espaço e tempo atual. Parece até bucólico, mas não é. Há 16 anos moro em Olhos D'Água – GO, desde 1996 quando cheguei, ainda continuo refazendo os sentidos a cada dia. A escolha de permanecer aqui bate forte no meu peito carioca, quando volto das férias na praia, matando a saudade da família. Passo a compreender mais o meu meio e ser menos estrangeira aqui. Passo a ser um pouco daqui, um pouco de lá, mais de todo lugar e de lugar nenhum. Todo lugar tem suas feridas e aqui não poderia ser diferente. São marcas de casamentos consanguíneos por questões de terra e poder político, são problemas de falta de iodo na alimentação, são problemas de solo ácido e fraco para cultivo. No entanto, o povo sobrevive “inventando” soluções temporárias para problemas passageiros, na simplicidade de recursos, na riqueza de esperança e na aventura da solidariedade.

Em 1976 entrei no jardim de infância, daí o C.A, o primeiro e o segundo grau com os mesmos amigos, no mesmo colégio. Diferente de meus irmãos, eu fui a única a ter que ir para uma escola particular, paga. A escola era um espaço de socialização, de

aprendizado, mas também era como uma máquina de repetição de condicionamentos, de uniformização e de opressão da individualidade de cada criança que estava ali. As mais tímidas arrecatadas eram bem comportadas e as mais curiosas, extrovertidas eram rotuladas de impossíveis e levadas. Então na adolescência achava que frequentar as aulas era um mal necessário, pois estava no time das curiosas. Ser bom filho, ser bom aluno, dar orgulho aos pais e não trazer vergonha era uma coisa muito ouvida e tinha um significados rígidos. O que era ser livre para uns podia ser considerado indisciplina para outros. O “comportamento exemplar”, mesmo não sendo possível saber o que significava, era buscado pelos professores e pais. Era uma imposição da sociedade, sua vitrine arrumada, que até hoje me pergunto: o que é ser “bem educado”? É ser obediente, é calar, não reclamar, é salvar a própria pele, é dedurar... Não lembro que promovessem na escola valores de auto-realização, pluralidade cultural, solidariedade, liberdade e independência, emancipação do sujeito... A minha escola o CRJ, na Gávea em 1979 era de classe média, questões de comportamento, como outras no RJ, estavam relacionadas com regras americanas de etiqueta, da pós-ditadura, do mundo adulto, nos quais as crianças tinham que se moldar e tentar reproduzir, no meu caso, para minha família, com um tanto de esforço. A escola realmente não está imune ou por fora de contextos sociais, políticos e históricos, muito pelo contrário. Então numa visão crítica da escola formal, que atende a valores de um grupo social, é esperado da escola tanto o treinamento do comportamento como em “segundo plano” o conteúdo das matérias, o conhecimento pode ser comparado a uma mercadoria e os estudantes são preparados para serem absorvidos pelo mercado e a serem competitivos. Depois, vemos jovens extremamente egoístas, competitivos e esperamos que eles tenham valores pacíficos e de solidariedade, como? Estavam incentivando justamente o contrário! Nos idos de 1985 a competitividade já nos era apresentada através da pontuação mais alta quem tivesse a letra mais bonita e não os garranchos de quem era ajudante da professora, de quem tinha o caderno sem rabisco nem garatujas ou desenhos psicodélicos. Se questionasse muito o professor, em vez de demonstrar interesse, estava atrapalhando a aula. As aulas de moral e cívica, a formação de filas para os hinos as aulas de ensino religioso seriam assuntos quase indigestos, e seriam capítulos a parte, do qual minha família e eu fomos cúmplices em respeitar, mas não validar como verdade absoluta. Eram premiados aqueles que se adaptavam ao sistema e os outros, que independentes dos motivos estavam noutra ritmo, eram castigadas com perda de recreio, repetir frases escritas mil vezes no caderno, não conversar na sala de aula, mudar de cadeiras na

turma, ficar longe do amigo, ir conversar com o orientador pedagógico, levar advertência e até ser expulso – o que era uma mancha para o resto da vida no currículo escolar do aluno (parecia até uma ficha policial). Toda a formação do ser aluno era voltada para reproduzir o sistema vigente, através de premiações e punições. Na maioria das vezes não podia nem argumentar, tudo considerado uma ameaça às normas da escola e estas era para ser cumpridas assim e ponto final. Todas essas lembranças de disciplina, autoridade, de opressão eram assuntos que levavam meus pais a escola. Muitas vezes para se calarem, ou para fazer um tipo de dissertação sobre o respeito a individualidade, diferente de outros pais na frente dos diretores que ficavam com medo de que seus filhos repetissem o ano. Era este o clima escolar distante e frio. Então era um clima educacional opressor assim como o sistema da época, mesmo com a liberdade cultural da abertura da década de 80. Vou tentar lembrar-me do que de mais essencial aprendi na vida: Em casa, família, pai, mãe, irmãos e eu vivíamos as experiências com liberdade, crescendo com diálogo e sem medo de errar, entendendo que tudo faz parte para a construção da nossa identidade e do meio. Assim meu pai brincando, dizia: Cada qual com seu cada qual... Sinto-me privilegiada por ter recebido uma educação cujo principal lema era o respeito à individualidade e a busca por realização pessoal. Então aprendi a lição e fiz minhas próprias escolhas, sou responsável pelo caminho que construí até aqui. Trabalho com corpo desde cedo, em 1978 aos sete anos iniciei no balé, eu era bolsista da Escola de Ballet Dallal Achar no Rio de Janeiro até os 14 anos porque meu pai era médico de uma jornalista que arrumou para mim essa oportunidade. Nos anos 90 eu fiz capoeira com meus irmãos mais velhos, artes, dramatização, judô, pegava onda, fiz grupos de dança contemporânea, grupos de poesia, participava do Grêmio estudantil. Nunca fiz primeira comunhão nem ensino religioso porque o meu pai achava que isso era uma questão particular, de busca pessoal de cada filho, que cada um buscasse seu caminho espiritual ou não. Eu investiguei muitos, mas não afinava com as proibições e dogmas. Achava que tinha direito a ter acesso puro e direto com Deus, sem intermediários. Os acampamentos na natureza me promoviam um encontro com algo que dava um sentido maior a vida, um silêncio e uma paz que atravessavam meu ego e condicionamentos, que me traziam liberdade. Cresci no bairro do Jardim Botânico no RJ, onde a rua depois da escola estava repleta de brincadeiras, de queimada, polícia e ladrão, vendinhas, pique esconde, pique bandeira, jogo de bola... Televisão só quando chovia e não tínhamos nada para fazer. Enfim, tive um aprendizado muito maior sobre a

diversidade cultural fora da escola do que dentro dela. Minha escola fora da sala de aula era tão intensa e viva que a escola não continha meus sonhos e desejos.

Tive a importante convivência com a Rosa, uma moça que ajudou minha mãe a me criar. Eu era grudada nela e quando ia para sua casa humilde no interior do RJ era outra vida! Deixava de ser a caçula e me integrava numa outra família que me acolhia muito bem. Família negra, pobre, semianalfabeta, 10 filhos, mais agregados, doença mental na família, participavam do carnaval, festas de santo, cultivavam horta e animais no quintal, trabalhos esporádicos, muito sofrimento e muita força para tocar a vida, casamentos precoce e responsabilidades como trabalhar para ajudar a família como era o caso da Rosa. De 1977 a 1995 durante oito anos lá, eu era branquinha cheia de frescura de quem vem da cidade até o segundo dia da chegada, depois éramos todos irmãos amigos na bagunça e na bronca... De lá tenho lembranças de uma vida com pé no chão, na casa de adobe, equilibrando na linha do trem, sambando, correndo na chuva, dando milho pra galinha, andando de cavalo, comendo comida de fogão a lenha, tendo o carinho e a força de sujar e se limpar, cair e levantar sozinha. Pode ser a partir dessas lembranças afetivas que tempos depois, já adulta encontrei um lugar parecido com aquele da infância e adolescência para viver e criar meus filhos. Experimentando a cidade e a roça, a praia e o rural, o português e o negro, tendo o que tive nessa mistura de tudo que nos faz brasileiros... Assim foi a escola da vida, casa e rua tudo junto com riscos, acertos, com cuidado, com amizade, com confiança e com liberdade. Sendo responsável e consciente, conciliando a escola, a casa e a rua, sempre com certeza dos limites, o que não podia, não podia e pronto, não tinha negociação, as regras eram sabidas, mas a conversa era aberta e franca e com todo apoio e suporte para ousar cair e levantar, com liberdade, fui levando a vida para mais longe da minha família do RJ e criando meu próprio núcleo familiar dando continuidade disso tudo, de brincar sonhar e concretizar que me fez ser quem sou.

“A gente não quer só comida diversão e arte... A gente quer inteiro não pela metade... A gente quer a vida como a vida quer” (Arnaldo Antunes). Será que intimamente basta ser o que sou e estar onde estou? Não! Há que caminhar, compreender, refletir, agir e se integrar. Compreender nosso tempo. A modernidade pode nos padronizar a todos. A modernidade é o próprio fio da navalha. Fio que corta a todos com a severidade do tempo fugaz. Que esquece e cala os idosos, isola jovens e vicia crianças com suas máquinas de lazer e brinquedos que brincam sozinhos. Que

dilata as cabeças adormece os pensamentos e deixa o corpo inerte, sedentário, preso numa gaiola de ouro, de caras célebres e tecnologias de rede. Tecnologias que muitas vezes escravizam as pessoas e famílias. A modernidade gera uma indigestão de valores impostos pela mídia, empurrados goela a baixo. A todo instante toca um celular, estamos “presentes”, *on line*, diuturnamente, temos que estar conectados a todo o momento. A modernidade entra em nossa casa e padroniza comportamentos via TV. A modernidade é mais do que a corda bamba, do que o balanço que vai e vem no fundo do quintal... A modernidade é um tufão que carrega todos e que faz a sociedade se adaptar em novos eixos de pensamento, de conduta, de convívio e de objetivos. A “modernidade” faz com que os seres humanos tornem comuns, sem consciência de sua autenticidade, homogêneos, numa ilusão de cultura “globalizada”. Minha professora da UAB/UnB de Antropologia e Educação, Rosângela Corrêa, me mostrou os caminhos por onde andar pensando naquilo que é global agindo sobre o que é regional. A formação universitária me propiciou uma análise pessoal relacionada com a função social que tenho e que desejo ter, num novo contexto regional. A mudança da praia para Brasília, uma separação, o trabalho como dançarina na reabilitação, a saída de Brasília um novo amor, filhos, família completa e uma nova vida no Cerrado... Ano após ano... O ar parado, a seca com a chuva em seguida foi despertando uma necessidade de renovação e de ter uma nova formação, um outro papel social, uma nova relação com o mundo. Não queria ser mais bailarina, nem terapeuta e ser somente esposa e mãe... Então fui fazer artes e esperar, fiz mosaicos, coleí peças num quebra cabeças e mandalas para me reencontrar até que surgiu um vestibular da UAB/UnB em 2007. A atualização dos meus sonhos e desejos encontrou na pedagogia uma forma de desenvolver projetos e ações no lugar onde moro. Experimentei não só isso, mas vivenciei a educação emancipadora de fato em mim mesma. A Universidade de Brasília, via Universidade Aberta, abriu possibilidade da realização de uma graduação em Pedagogia de extrema qualidade. Com compromisso fui desenvolvendo estudos, projetos e cursos de extensão focados na área de cultura e meio ambiente. Fiz escolhas para a realização dos projetos de cinema, de folguedos e de ensino fundamental. Misturei linguagens teatrais, poéticas e filosóficas com a curiosidade que é típica de estudantes. Fui monitora na disciplina de Antropologia e Educação, fiz parte do Projeto Rondon, participei dos dois Seminários “Educação Ambiental em Alexânia”, organizados pela Profa Rosângela Corrêa, assim como tive a oportunidade de proferir uma palestra no Seminário “Educação Ambiental em Goiás” também organizado por

ela, e finalmente, como aluna a distância participei como entrevistadora da Pesquisa sobre Evasão da UAB.

Fiz poucos amigos do curso de pedagogia do presencial, gente que tem um perfil diferente dos estudantes de graduação. Na minha turma a distância, alguns tem uma seriedade no curso de pedagogia e uma enorme dedicação; são quase todos professoras de escolas públicas e a troca de experiências entre estudantes e professores é imensa, criando um diálogo entre as teorias e a prática dos conceitos aprendidos. Muitas adversidades passaram, pois somos uma turma pioneira. A dificuldade dos encontros presenciais, a organização da plataforma, uma inicialização na plataforma e na informática, a falta de acompanhamento de tutores... Mas de fato no Polo Cora Coralina a educação está sendo democratizado por meio da UAB, caso contrário, não estaríamos nos formando. Percebi que a educação tanto pode servir a interesses de consumo, de conservação de hierarquias e de alienação de seu princípio essencial de emancipação, conforme cita Paulo Freire, como a educação formal poderia ser integrada a educação informal através da arte, música, dança, meio ambiente que são considerados temas extras e/ou transversais e que podem cortar o ciclo vicioso da repetição do mesmo, daquele tipo de educação conservadora, reprodutivista onde cultura escolar se resume a passar a matéria no quadro e deixar todo conteúdo para os livros didáticos. É preciso criar novos paradigmas, novos estudantes e novos professores para “possibilitar” maneiras de ensinar e aprender diferenciadas. Inovando a educação para crianças, jovens, adultos e idosos com o conhecimento do que é global, um saber unificado interdisciplinar e fortalecendo o vínculo e a prática no contexto regional e afetivo de cada sujeito. A troca, o experimento, o aprendizado, a educação se dá mesmo que não intencionemos, ela acontece. Em casa, na rua, na escola, em todos os ambientes de convívio geram hábitos e costumes assim como constroem valores que concordemos ou não temos que nos deparar.

Os conflitos vividos hoje nas escolas estão sendo acudidos como incêndios que devem ser logo apagados, sem perceber o que causa, como se dá este fogo que queima velhos padrões institucionais, pedagógicos, de ensinar e aprender. Vejo que a escola formal está ligada a uma teia muito complexa de interesses e muitas vezes se distancia do propósito das teorias da educação, de desenvolvimento do ser humano então é relevante que estudantes e professores saiam da sala de aula e vão para o campo, para a cidade para a vida que é lá onde tudo acontece. A escola deveria ter portas e janelas

abertas e não deixar que a realidade externa só seja vista como paisagem numa moldura ou do lado de fora da janela.

Em relação à entrada e permanência no curso de Pedagogia UNB e da Universidade Aberta só tenho a aproveitar a oportunidade e me desenvolver como gente, estudante, pesquisadora e como profissional. Desde o primeiro semestre até agora o currículo tem sido de um conteúdo importante para a prática pedagógica do século XXI. As disciplinas são muito bem organizadas com trabalhos de aprofundamento teórico. Os cursos de extensão que realizei como o Projeto Rondon em Pirinópolis, a monitora de Antropologia da Educação como também os Seminários de Educação Ambiental em Alexânia e Góias foram muito importantes porque eu pude vivenciar as práticas pedagógicas e os conteúdos estudados de maneira interativa. Vivenciei a transdisciplinariedade na UnB, onde o todo foi muito mais do que a soma das partes. Na disciplina Fundamentos da Educação Ambiental ministrado pela professora Rosângela Corrêa foi possível analisar a realidade local e o impacto ambiental das ações humanas no município em que vivo como as voçorocas de Alexânia que percorrem mais de 8 quilômetros e começam a ser alvo de atenção do município. Meu sentido de pesquisa era direcionado inicialmente para área da antropologia e seu objeto de estudo, a cultura, a partir de agora relaciono estes temas como a questão da cidadania e meio ambiente e é com isso que desejo trabalhar e continuar pesquisando num mestrado. Trabalhar com esses temas fronteiriços e observar a interrelação das ciências com a arte e com a política.

Como não há coincidências, paralelamente UnB, surgiu uma nova porta, um novo trabalho como agente ambiental numa ONG chamada ECODATA (Agência Brasileira de Meio Ambiente e Tecnologia da Informação) a serviço da Corumbá IV. O reservatório da Corumbá IV tem que compensar o impacto gerado pela inundação e pela hidrelétrica e no meu município eu atuei por dois anos no Programa de Educação Ambiental como agente ambiental. Desenvolvi levantamentos e trabalhos socioambientais através de pesquisa, oficinas, cursos e seminários para a população rural e urbana do município de Alexânia, com temas de recuperação de nascente, aproveitamento alimentar com espécies nativas do Cerrado, geração de renda com artesanato local, associativismo, construção de viveiros com plantas nativas do Cerrado, capacitação de agente ambientais, excursão áreas do reservatório da Corumbá e em áreas de proteção ambiental, visitas a lixões e voçorocas entre outras ações. Como

agente ambiental realizei um levantamento de campo com mais de 200 famílias visitadas. Analisando dados sobre a socioeconomia da região e a capacitação em relação ao meio ambiente, geração de renda e o uso sustentável do Cerrado, fui multiplicadora da consciência ambiental e considero que muitas pessoas da comunidade passaram a valorizar as fibras e os frutos do Cerrado, bem como desfizeram as ideias de queimadas e desmatamentos inconsequentes. Trabalhando com metodologias de pesquisa participante e estudos de casos para a implementação de cursos e oficinas com a população local interagindo com as lideranças e autoridades municipais, pude compreender a importância da articulação política de cada cidadão e a diferença que tais pessoas exercem em seu grupo social. As pessoas tornaram-se mais questionadoras, principalmente, as mulheres e isso, muitas vezes, tira a família e a comunidade da área de conforto. Em alguns momentos a visão crítica incomoda o grupo, revirando os paradigmas conservadores, os papéis sociais pré-determinados, deixando a comunidade, que é desconfiada, descrente e acomodada, um tanto reativa quanto ao novo, ainda mais quando esse novo contesta suas práticas usuais.

Em direção a TCC ainda haveria os estágios e desde o meio do curso pude ter a certeza que iria abordar a temática cultura e meio ambiente. Não poderia escolher outro assunto na área da pedagogia que não fosse algo que já era real, concreto e ainda deveria ser mais aprofundado e experimentado academicamente também. No trabalho como agente ambiental, o sentido de mobilização sócio ambiental, o fato de ter me tornado uma multiplicadora foram sendo integrados aos estudos da Pedagogia na UnB e inseridas no meu convívio local, bem como na escolha do projeto de intervenção, na atuação dos estágios fase 1. O tema cultura e meio ambiente (foram tirar) foi aceito para o estágio com direito a continuidade na fase 2. Durante os estágios foi possível experimentar a educação como acredito que deveria existir nas escolas: promoção de reflexões e ações que possibilitam a integração do ser humano à natureza, à cidade e ao outro, que promovem a sensibilidade e o olhar renovado diante a realidade em que se vive. Procurei associar a experiência profissional com as minhas disciplinas e os autores prediletos com as propostas criativas e interdisciplinar do estágio, para finalmente se fundirem na ideia central da TCC. Ufa! De lá até aqui foi um pique só de cinco anos de estudos. No caminho da TCC me percebi ligada num caminho que já havia, portanto construído, a educação de uma forma articulada, que tinha realmente a ver comigo. Achava que a TCC seria um bicho de sete cabeças, mas não. Apesar de todas as dificuldades da UnB em estar próximo do aluno à distância, pude manter ao longo deste

curso de pedagogia, diga-se de passagem, que foi pioneiro, fomos todos nós, educadores e educando. Apesar de todas as dificuldades da própria UnB em estar próximo do aluno à distância, erramos e aprendemos juntos, construímos nosso caminho na educação. Juntos, professores e estudantes, tivemos que superar as dificuldades na gestão da UAB devido aos erros cometidos por falta de conhecimento dos professores sobre a realidade dos estudantes e também por falta de diálogo e proximidade entre o pólo e a sede do curso de graduação em pedagogia à distancia no Campus Darcy Ribeiro em Brasília.

Enfim, o TCC, a monografia. Será que daremos conta do recado? Ai meu Santo Benedito me ajude a ir bem devagar com o andor, por que o santo é de barro, como diz o povo daqui... Preciso olhar pra todos os lados, suspirar, sentir e pensar como é que tudo continuou até chegar aqui, tomara meu santo que eu respire calmamente pra num perder nada do que vi no caminho.

INTRODUÇÃO

Esta monografia pretende refletir sobre a construção do sujeito ecológico a partir de uma experiência de educação ambiental que percebe o global no agir local e interage com a dimensão planetária no cuidado com o lugar onde se vive; para isso é preciso valorizar a cultura local que possui uma relação íntima com o Cerrado, ao mesmo tempo, que o destrói em nome do progresso. Trataremos de um tema específico na área pedagógica, a educação ambiental, que poderá auxiliar na construção de uma nova visão de mundo e como resposta às urgentes necessidades de transformação dos valores, das atitudes, das crenças e dos comportamentos humanos. As mudanças de valores e atitudes pessoais integram-se à uma rede de grandes transformações ambientais mundiais. Refletiremos neste trabalho de que forma o meio ambiente faz parte da gente e de que maneira a sensibilização ecológica pode se dar na escola. Através desta monografia pretendemos não só relatar e analisar o registro desta experiência aplicada no contexto escolar, bem como mostrar, possibilidades e sugestões para uma prática de educação ambiental que leve a formação do sujeito ecológico a partir do entrecruzamento de saberes, interesses e visões de mundo e da cultura local. O tema educação ambiental será abordado de forma a refletir sobre as possíveis relações da escola com seu meio e também sobre as múltiplas identidades e culturas que se constroem e se expressam no espaço de uma determinada comunidade.

O objetivo principal nesta monografia é ressaltar a história e a cultura do lugar como forma dos estudantes refazerem o seu olhar em relação ao meio ambiente em que vivem do ponto de vista geográfico, histórico, cultural e simbólico para que possam atuar na solução dos problemas socioambientais locais. Os objetivos específicos foram os seguintes: apresentar novas práticas de educação ambiental, valorizando o planejamento, a experimentação e a avaliação coletiva; resgatar tradições culturais e os saberes de mestres locais e levá-los para dentro da escola; realizar saídas de campo para diversos lugares do distrito de Olhos D'Água, cuja importância histórica e ambiental influenciam na noção de identidade e pertencimento.

O problema central desta monografia é compreender de que maneira a educação escolar poderia integrar os temas cultura e meio ambiente para transformar os estudantes em sujeitos ecológicos e cidadãos conscientes de seu tempo e lugar?

A educação ambiental passou a ser introduzida nos currículos a partir da Lei 9.795, de 27 de abril de 1999 que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental para que fosse incluída em todos os níveis de ensino como componente essencial da educação fundamental.

Outro documento importante são as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental para as todas as escolas e instituições de ensino do País que foi homologada pelo ministro da Educação, Aloizio Mercadante, após o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE). A homologação ocorreu durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20 em junho de 2012. A inclusão de princípios de Educação ambiental nos currículos do Ensino Fundamental e Médio é exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Segundo o texto, os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem incluir os princípios da proteção e defesa civil e a educação ambiental de forma integrada aos conteúdos obrigatórios. As diretrizes curriculares servem para mostrar como isso pode ser feito pelos sistemas de ensino. De acordo com o texto, a abordagem curricular do tema deve ser integrada e transversal, além de inter, multi e transdisciplinar. Isso significa que a Educação ambiental deve ser contínua e permanente em todas as áreas de conhecimento, componentes curriculares e atividades escolares e acadêmicas, ou seja, não deve ser criada uma disciplina própria, mas sim tratar o tema de uma forma com que ele permeie diversos conteúdos da escola. O parecer do CNE também ressalta o dever das diretrizes de contribuir para a Política Nacional do Meio Ambiente e para a implementação da Política Nacional de Educação Ambiental. Além disso, afirma que o assunto deve constar nos currículos de formação inicial e continuada de todos os profissionais da Educação e que os professores em atividade devem receber formação complementar compatível com o tema.

Mas as leis não garantem uma compreensão crítica sobre as propostas de educação ambiental implementadas nas escolas brasileiras, como Gadotti afirma:

“a educação ambiental muitas vezes limitou-se ao ambiente externo sem se confrontar com os valores sociais, com os outros, com a solidariedade, não pondo em questão a politicidade da educação e do conhecimento” (2000, p.88).

Existem vários conceitos abordados no debate em torno da educação ambiental mas acreditamos como Corrêa et al que a educação ambiental deve:

“resgatar a articulação entre os aspectos pessoais, socioculturais e naturais que dão sustentação à vida no planeta, de forma a recuperar a compreensão de que a qualidade e a sustentabilidade da vida incluem tanto a saúde das pessoas e grupos quanto a do próprio ambiente onde estes vivem”.

Concordamos com Carvalho que “a prática educativa é o processo que tem como horizonte formar sujeito humano enquanto ser social e historicamente situado. A formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação com o mundo que ele vive e pelo qual é responsável (...) Na educação ambiental esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo em que vivemos, incluindo aí as responsabilidades com os outros e com o ambiente” (2008, p. 157).

Ela comenta ainda que

“a educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhes sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. O educador é por natureza um intérprete, não apenas porque todos humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos” (Carvalho, 2002:77).

O professor, ou ainda o educador ambiental, deve ter atitudes em direção a responsabilidade social e ambiental, fazendo com que ele próprio e seus estudantes tornem-se sujeitos ecológicos, engajados com ações ligadas não só ao outro, mas ao seu meio.

“Sujeitos ecológicos” podem ser estudantes, crianças, adultos, jovens, educadores ambientais, professores, artistas, geógrafos, biólogos, artesãos, músicos, cozinheiros, mas nem todo educador ambiental ou ativista militante da chamada onda verde é um sujeito ecológico. Ser ou não ser sujeito ecológico tem relação com a forma como os indivíduos se apropriam dos recursos naturais e culturais. O sujeito ecológico não pensa somente no “verde”, mas engloba a questão social e cultural em sua forma sustentável de ser e estar no mundo, refazendo seu olhar para sua realidade e

transformando em atitude e ações o pensar globalmente e agir localmente; é um "estilo ecológico de ser".

Carvalho afirma que o sujeito ecológico:

[...] é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica. O ideal de ser e viver em um mundo ecológico se vai constituindo como um parâmetro orientador das decisões e escolhas de vida que os ecologistas, os educadores ambientais e as pessoas que aderem a esses ideais vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados (CARVALHO, 2008, p. 65).

Ainda que morando numa cidadezinha goiana, onde quer que esteja situado o indivíduo, ele pode ser um sujeito ecológico. Crianças, jovens e adultos podem compartilhar deste processo de refazer o olhar, mudar sua atitude em relação a si mesmo, ao outro e ao meio. É possível encontrar maneiras de pensar e agir de forma sustentável, ampliando o universo de conhecimento, tendo consciência das escolhas, sintonizando a escuta para o outro e aprofundando nosso entendimento sobre o mundo, começando sobre a realidade do nosso lugar.

Os problemas sócios ambientais locais devem ser vistos e compreendidos pelos professores para que possam ser incorporados nos projetos políticos pedagógicos das escolas, sem que se resuma apenas em um plano que contenha somente a realização de hortas e a implantação da reciclagem do lixo como é comumente visto no que se chama educação ambiental escolar. Acreditamos que é possível uma educação ambiental nos municípios capaz de estudar o lugar e compreender o processo de identidade cultural ambiental que foram sendo construídos em cada lugar, questionando o compromisso ou não com a sustentabilidade e com a visão ecológica. A educação ambiental que se discute nesta monografia tem relação com a promoção de sujeitos ecológicos como protagonistas de sua história local e a partir daí o posicionamento diante as questões globais.

Os papéis desempenhados pelos os homens, as mulheres e as crianças numa sociedade são determinados pela sua cultura. A forma como os seres humanos ocupam

os diferentes espaços geográficos e o jeito de viver em cada região do planeta Terra dependerá da forma como a cultura define as relações entre os indivíduos e destes com a natureza. Estamos entrelaçados com a cultura e não podemos distinguir com precisão onde começa em nós e no mundo aquilo que é nosso e aquilo que é cultural. Tudo que podemos sentir como pessoal possui um histórico, pertenceu á outros tempos e ainda pode residir em nós. O que nos habita, o que do mundo enxergamos tem relação com aquilo que fez nosso olhar e essa construção do olhar é dada pela cultura. Sem dúvida que “viver numa cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos criados, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores, o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e nos outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e outra são possíveis" (Brandão, 2002:24).

Os comportamentos dos indivíduos dependerão, em certa medida, da relação de ensino-aprendizagem que poderá ser modificado ao longo do tempo e do espaço. Todo o complexo de costumes, valores e crenças de uma sociedade pode ser entendido como a sua cultura, portanto, todas as mudanças de tais comportamentos, de hábitos, de relações com o ambiente geram e são geradas por mudanças culturais. Como afirma Laraia, “qualquer sistema cultural está em processo contínuo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico, mas antes a passagem de uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca geral e rápida do que forças internas” (Laraia,1986: 96).

Acreditamos que “o que pode e deve fazer a escola para promover sua própria transformação é devolver no discurso escolar aquilo que é hoje ocultado: o uso social que é feito dos conhecimentos que ela transmite” (Valente 1997:20). Somos um país com tamanha biodiversidade e imenso desperdício de recursos naturais, uma enorme riqueza multicultural e preconceito étnico-racial, onde a escola, ainda hoje, não discute os estigmas sociais e ignoram a problematização da questão cultural e ambiental no Brasil. A escola precisa estar aberta e atender à novas demandas ambientais e culturais para que possa refletir às transformações que ocorrem no mundo. Uma maneira de abrir portas para novas práticas escolares é a realização de pesquisa-ação, cujo intuito é

promover a integração de professores e alunos na busca da atualização de conhecimentos e novas práticas de educação.

A metodologia adotada nesta monografia foi de Pesquisa-Ação que é:

“é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta” (Engel 2000:182).

Como realizei o meu estágio supervisionado na Universidade Aberta do Brasil/UnB na Escola Geminiano Ferreira de Queiroz (GFQ) com o projeto de intervenção chamado “Educação Ambiental: Cultura e Meio Ambiente no Ensino Fundamental” decidi intervir de maneira inovadora durante o próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do estágio. Através da pesquisa-ação foi possível desenvolver uma metodologia de pesquisa aberta o suficiente para a escuta sensível dos alunos e da comunidade de forma a integrar aos planos de intervenção ambiental e cultural do projeto à demanda de interesses da escola.

O processo de pesquisa-ação deve tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada, por esta razão, procuramos o envolvimento da direção da escola, das professoras responsáveis pela turma e seus estudantes, assim como, os moradores da comunidade.

A pesquisa-ação na área do ensino ajuda aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa. Esse tipo de pesquisa desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula. Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor que são apenas consumidores da pesquisa realizada por outros no contexto escolar. Como explica Engel, “os conhecimentos científicos são provisórios e dependentes do contexto histórico, os professores, como homens e mulheres da prática educacional... deveriam transformar suas próprias salas de aula em objetos de pesquisa. Neste contexto, a pesquisa-ação é o instrumento ideal para uma pesquisa relacionada à prática” (Engel 2000:183).

O trabalho de campo da presente monografia foi realizado no segundo semestre de 2011 e primeiro semestre 2012 na Escola Geminiano Ferreira de Queiroz (GFQ) fundada em 1948 em Olhos D'Água, município de Alexânia-GO. Observar, assuntar, analisar, interagir e avaliar foram os processos e as etapas da pesquisa realizada na escola GFQ no período de 1 ano.

A pesquisa-ação se deu através de práticas escolares interdisciplinares e saídas de campo ao Cerrado para que fosse valorizado a troca de saberes entre as gerações mais novas e os mais antigos. Os estudantes realizaram atividades práticas como a participação em eventos tradicionais da região; realização de uma pesquisa com os moradores e entrevistas com os mestres locais, além disso, foram feito registros e avaliações orais, com produção textual sobre as atividades realizadas e a produção de um diário pessoal dos estudantes. Durante as aulas realizávamos uma reflexão coletiva sobre cada assunto relativo à educação ambiental e seu impacto na comunidade. Foi criada uma metodologia com o agendamento prévio de três saídas de campo para a nascente de Olhos D'Água, coreto da Praça Santo Antonio e o bioma Cerrado, posteriormente discutimos temas relativos aos recursos hídricos, ao contexto histórico do distrito, o uso das fibras no artesanato, a importância dos frutos do cerrado na culinária local e o uso das plantas medicinais.

A escola GFQ foi escolhida para a realização da pesquisa por diversos motivos: por trabalhar com o ensino fundamental; pelo fator histórico de ter sido a primeira escola fundada no lugar; pela aproximação da temática socioambiental através dos Programas da Corumbá IV e pela presença marcante da diretora que foi aluna da Escola Experimental na década de 80 e mantém em sua gestão escolar uma visão pedagógica diferenciada.

1. HISTÓRIA DE OLHOS D'AGUA

O vilarejo de Olhos D'Água é fruto de uma promessa de Geminiano Ferreira de Queiróz, fazendeiro da região, teve sua origem pelos idos de 1940, posteriormente foi sede do município em 1959, antes da construção da BR 060 que fez surgir Alexânia no traço que ligaria a capital do país ao interior. A igreja católica no centro do distrito foi construída em homenagem a Santo Antonio no marco da sua fundação.

Olhos D'Água tem uma história política e cultural marcada pela proximidade dos grandes centros e as consequências culturais e ambientais desta relação aparecem nos seus habitantes, nas suas casas, estradas, vegetação, rios, roupas, costumes e hábitos. Até a década de 50, o local tinha uma tradição rural de pequenas fazendas, plantação de subsistência, milho, mandioca, café, feijão, pequena horta e algum gado. De fora, vinha o sal e a querosene para o lampião que os homens traziam de longas viagens à Luziânia. O barro era utilizado no revestimento de paredes, para fogões e panelas. As mulheres aproveitavam o algodão plantado, fiavam, teciam e faziam de tudo, para que na casa e em família se aproveitasse o máximo dos produtos de cada época, seja na seca ou no tempo das chuvas. A comunidade foi desde o início composta de pequenos agricultores que cultivavam e criavam animais para seu sustento. Eram praticamente auto-suficientes, só necessitando do sal. O meio de transporte era o carro de boi, cavalo e carroça.

Para compreender o processo de identidade, da estrutura social e da organização familiar da comunidade de Olhos D'Água é preciso conhecer mais a fundo a estruturação do povoados de Goiás, sua cultura, história e relação de fronteira com o outro. Com a criação de Brasília e de Alexânia, um grande número de moradores de Olhos D'Água se transferiu em busca do progresso, uma vez que era um “lugarejo como tantos outros, sequer uma fumacinha de importância no quadro do desenvolvimento nacional” como escreveu Carlos Drummond de Andrade (1975) numa crônica publicada no Jornal do Brasil. Com a criação de Alexânia em 1961, Olhos D'Água deixou de ser sede, caiu em isolamento comercial e dependência política dos Alexanienses, entrando num período de letargia por mais de dez anos.

Olhos D'Água ficou conhecido pela Feira do Troca; este evento foi criado pela arte-educadora Laís Aderne em 1974 que saiu da Universidade de Brasília (UnB) em busca de um local pra morar junto com seu esposo Armando Farias. Laís Aderne tinha como objetivo valorizar e melhorar as condições de vida dos artesãos que ali viviam, por este motivo, criou o mutirão das fiandeiras e a Feira do Troca. É inegável a importância de Laís Aderne na área educacional e cultural do Centro-oeste e sua morte em 2007 foi uma grande perda na região:

“Faltava alguém que mostrasse à história que sobre essa vastidão, desde priscas eras, habitava um meio físico, um meio humano e um meio cultural riquíssimo. O espaço sobre o qual

ergueu-se o colosso não era um deserto como os metropolitanos cosmopolitas acreditavam.

Era um oceano profundo de tradições. Laís Aderne foi essa pessoa . Ela saiu de Brasília, percorreu os caminhos de Goiás, as estradas reais que desde os incas articulavam essa imensa hinterlândia americana e mostrou a todos a riqueza destas tradições.

Nos seus últimos anos de vida animava , com todo fervor, a idéia do Eco-Museu do Cerrado. E, já no início dos anos 70 ajudava a comunidade de Olhos d'Água, marcada pela ferida narcísica da perda de sua condição munícipe, a recompor-se em sua dignidade através da Feira do Troca.

Laís Aderne fez muito mais do que isso. Fez muito pela educação e pela cultura de Alexânia e Olhos d'Água.

Fez tanto que hoje se justifica dar-lhe o nome a iniciativas que assinalam essa auto-consciência da cidade. É tempo de perpetuarmos o nome de Laís Aderne, por exemplo, no Pólo Universitário, sem desdouro do nome de Cora Coralina, outro ícone do Estado, mas que se dobraria, com a mesma naturalidade com que fazia doces e versos, à imposição do nome de Laís em nosso meio.

É tempo do nome de Laís inscrever-se nas Escolas, nas Praças, nas Ruas da cidade para que os jovens saibam fazer da vida dela um exemplo para si mesmo.

E para que nossa gratidão com esta mulher se afirme, enfim, em gesto.

Para tanto ficam conclamados a Administração Municipal e a Câmara de Vereadores e todos aqueles que, sensibilizados, tomem esse Editorial como um verdadeiro MANIFESTO divulgando-o em seu meio. (CORREIO BRASILIENSE. Acesso em 14 de maio de 2007).

Em 1974 houve a 1º Feira do Troca que se transformou no tradicional evento de Olhos D'Água realizado em junho e dezembro, a feira acontece na praça, no gramado da Igreja Santo Antonio onde os artesãos trocam e vendem seus produtos artesanais de

barro, palha, fibras em forma de panela, boneca, bolsas, chapéus, tapetes, entre outros artesanatos típicos da região. No Troca acontece também uma “troca” de culturas com música, danças, teatro, comidas e artes de todo lugar. A feira é palco de troca, escambo e aquisição de produtos nativos, artesanato, gastronomia, vestuário e antiguidades a preços muito baixos. De 1974 até o ano de 2012 a Feira do Troca ainda representa a diversidade cultural local baseada na importância do artesanato e na relação sustentável da cultura local com o meio, o Cerrado. A feira do Troca mudou o destino do lugar e das pessoas e até os dias de hoje muitas mudanças já ocorreram, porém as tradições culturais, os saberes, as expressões e a relação com o Cerrado ainda são um traço presente no cotidiano da comunidade. Os jovens com um olhar mais voltado para estrada, para o que vem de fora, pouco olha para dentro, cabendo aos “estrangeiros” e aos mais idosos do lugar este olhar de resistência, de memória e defesa do patrimônio material e imaterial da tradicional cultura do lugar.

Em 1979 podia se ver dois a três carros pelas ruas do distrito que tinha uma população de 400 pessoas na época. Ainda na década de 80 e 90 teve sua rotina alterada pela pressão das estradas, abriram-se erosões, latifúndios com a criação de gado e imensas plantações de soja. O cavalo deu lugar a moto, as violas deram lugar ao som automotivo, os pousos de folia ainda resistem em meio aos funks e a gambira anda com seus dias contados diante das lojas de R\$1,99, ao Outlet e ao tão vendido sonho de consumo contagiante do universo urbano consumista. O trabalho familiar e em mutirão deu lugar aos trabalhos esporádicos, ao desemprego, as empreitas de pedreiro para o turismo crescente da região e a família mal se sustenta com a bolsa-escola que é o auxílio que o governo federal confere para famílias de baixa renda que tem filhos matriculados em escolas. As tecelãs comercializam em lojas e associações e muitas conciliam suas atividades com trabalhos de diaristas de fins de semana, quando o movimento dos veranistas aumenta. O artesanato assim como outros saberes típicos da região são repassados de maneira informal, no convívio e pela oralidade e nessa mistura de culturas muito vai sendo perdido e esquecido frente à rapidez da tecnologia da internet e das redes sociais que se infiltram até mesmo onde ainda há pouco tempo não havia nem luz.

A degradação cultural e ambiental pode ser observada tanto nas conversas da igreja com os mais velhos que reclamam da violência e da diminuição das águas da nascente como dos jovens que não encontram interesse na área rural, na cultura caipira e

nem estão qualificados para concorrer no meio urbano, ficando num impasse sobre o seu papel social. Essa degradação também é observada no assoreamento dos rios, na gravidade das voçorocas, na ameaça de seca das nascentes da região; a plantação descontrolada de eucalipto que rouba espaços de matas de galeria do Cerrado, num desmatamento progressivo do Cerrado e o esquecimento e/ou abandono dos saberes tradicionais relacionados aos fazeres típicos da região como o uso das plantas medicinais do Cerrado, dos doces, dos teares, da marcenaria, do uso do barro, etc. Existe uma coexistência entre valores e saberes locais e aqueles elementos culturais alheios às tradições, caracterizando o lugar entre o que há de rural, tradicional convivendo com o que há de urbano porque a cultura é dinâmica, ela vai sendo modificada ao longo do tempo e espaço.

Além disso, faltam políticas públicas que estruturam condições para a conservação da cultura do município, o artesanato local e o seu principal evento da Feira do Troca, bem como ações públicas para a conservação do Coreto da praça Santo Antonio e para a proteção da nascente que deu nome ao lugar.

O distrito Olhos D'Água sofre as consequências do crescimento insustentável e a degradação social, cultural e ambiental, tendo como consequência o aumento da violência, o abuso de álcool, a geração de consumo exacerbado, o individualismo, etc.

Não é só a fauna e a flora que estão ameaçadas de extinção ou as nascentes em risco de diminuição, mas também existe saberes e fazeres dos artesãos, tecelãs, cantadores, violeiros, doceiras, curandeiros, benzedeiros, catireiros, boiadeiros e outros que tem a sua cultura ameaçada de extinguir-se devido as mudanças tanto internas como externas no distrito de Olhos D'Água. Laraia escreveu que:

“Cada sistema cultural está sempre em mudança, é importante entender esta dinâmica para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário compreender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Para ele, este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir” (2001:100).

A cultura local estava voltada originalmente ao artesanato com a tradição das fiandeiras e tecelãs, o que lhes permitia manter a sua fonte de renda e de vida a partir da sua relação com a natureza, especificamente com o Cerrado mas apesar dessas mudanças, a cultura local ainda hoje está relacionada com o Cerrado através de seus frutos, fibras, flores e com suas tradições como o pouso de folia, a catira e a culinária típica da região. Hoje a Feira do Troca e o artesanato de Olhos D'Água representam o evento e a atividade mais importante da região, sendo também reconhecida internacionalmente. O bioma Cerrado e os saberes e expressões tradicionais estão intrinsecamente relacionados e geram sustentabilidade um ao outro.

A cultura e o meio ambiente eram e ainda são a base que constituem os elementos fundamentais para a sobrevivência da memória e do fazer cultural da região. O traço característico e original deste lugar só é conservado através de uma relação sustentável entre natureza e cultura.

A comunidade percebe a crise socioambiental local, fala-se sobre o tema, mas isso não repercute em ações efetivas para solucionar os problemas socioambientais. A comunidade vive a dicotomia do rural e urbano, dos valores de expansão e preservação, do crescimento e da memória. O conflito cultural e ambiental está presente na comunidade e aparece nas escolhas entre aquilo que é para ser conservado e o que é para ser transformado. As modas que atravessam a estrada deixam marcas no chão, cicatrizes na alma, no corpo e no pensamento daqueles que vivem entre uma e outra área, pertencendo ao mesmo tempo tanto a cultura rural como urbana.

A compreensão de identidade passa pela identificação da cultura do lugar, pela observação das relações sociais e como se deu a ocupação de cada lugar. Trata-se, portanto, de níveis de relações sociais que incluem: relações entre famílias, relações com o meio e destas com a sociedade envolvente, o que vem a provocar transformações na esfera dos laços entre a própria comunidade e as suas tradições. Poderíamos aqui perceber um propósito de identificação e descrição de grupos definidos com unidade estruturais consideradas relações sócio-culturais, compondo certa identidade social implicando em um reconhecimento de pertencimento e fronteira. As identidades são históricas e relacionais, assim é possível considerar o múltiplo como um fator enriquecedor no sentido da formação de identidade. O múltiplo pertencimento dos indivíduos gera sua ambivalência, as identidades ambíguas se combinam: continental, nacional, regional, local, de idade, de gênero, étnica, profissional e de classe.

Os problemas socioambientais são parte de uma rotina de problemas vivenciados de maneira diferente entre moradores nativos e moradores não-nativos, entre os que olham para a preservação de valores e tradições e aqueles que olham para a estrada BR ao longe como a promessa do crescimento e desenvolvimento que vem de fora. As culturas “de dentro e a de fora” são simultaneamente vivenciadas pela comunidade que vem desenvolvendo-se sem observar-se a si mesmo e nem reconhecendo a importância da sua própria cultura, pela tendência de negar o passado, a história local e afirmar as novas informações e tecnologias. Concordamos com Canclini (1990) quando constata que na América Latina existem as chamadas culturas híbridas onde há coexistência de culturas étnicas e novas tecnologias, onde a modernidade convive com o popular e arcaico. A tradição não chega a ser suprimida pelos valores e bens modernos.

A seguir vamos contar a história de um importante e pioneiro projeto denominado Escola Experimental implantado em Olhos D'Água por Sincler Fazzolino em 27 de fevereiro de 1979 e mantida pela Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água (AMPA), cujo resultado foi não só a formatura na 8ª série dos atuais educadores, artesãos e lideranças do distrito, mas um fator interno de mudanças culturais na comunidade.

2. Escola Experimental em Olhos D'Água

A educação em Olhos D'Água já contou com momentos onde eram valorizadas a cultura e a natureza local dentro da proposta pedagógica escolar, onde os estudantes e os professores eram estimulados a vivenciassem juntos a formação de sujeitos ecológicos, mesmo que na época não houvesse tal nomenclatura, mas o conceito e o objetivo a ser trabalhado era o mesmo que é tratado nesta pesquisa.

A história da educação em Olhos D'Água pode ser analisada através das diversas influências culturais, internas e externas, que trouxeram mudanças tanto na escola como na cultura e também no meio ambiente. A primeira instituição escolar em Olhos D'Água se chamava Escola Reunida que em 1948 possuía somente o primeiro grau e estava ligada a uma maneira de lecionar típico dos colégios católicos, seguindo métodos conservadores através do método alfabético e silábico. Com a estruturação da Escola Experimental e a construção de uma diferente perspectiva de protagonismo

educativo e participação comunitária, a escola tradicional e a comunidade se viram ameaçadas em seus valores, ao mesmo tempo em que se interessava e envolviam-se nas novas propostas que mantinham seus filhos e parentes curiosos e encantadas com uma proposta pedagógica que vinha de encontro com seus saberes e fazeres.

A proposta educacional implantada na Escola Experimental de Olhos D'Água durante o ano de 1977 a 1984 foi de encontro a formação do sujeito ecológico valorizando a sua cultura local, conforme propomos nesta monografia.

A atuação de Sinclei Fazzolino¹, arte-educadora de espírito inquieto, promoveu não só um novo modo de pensar o mundo para os jovens e futuros agentes sociais da região, como promoveu a construção de uma pedagogia que integraria e refletiria os saberes e fazeres locais, tratando de temas como ética, pluralidade cultural, cidadania, meio ambiente e saúde, antes mesmo que fossem criados 20 anos mais tarde os Parâmetros Curriculares Nacionais. Segundo Monica Fazzolino, “é necessário formar a criança para estar atenta ao momento presente, ao outro, ao amor ao próximo e a tudo que está ao seu redor. É fundamental para criança de hoje sentir o momento, sua importância, para estar preparada para enfrentar os desafios do homem do futuro” (Fazzolino 1976:24).

A proposta educacional com ênfase na cultura e no meio ambiente criada por Sinclei Fazzolino e Neville Hanna Amaro interligava a cultura local com o universal através da série de livros didáticos da coleção “Meu Universo” e “Comunicação e Expressão” da editora Edart que serviu de modelo nacional durante a década de 80. A

¹ Sinclei Fazzolino nasceu em São Paulo dia 14 de fevereiro de 1940, casou-se pela primeira vez em 1959. Filha de italiano e mãe espanhola, teve três filhos Monica, Sonia e Eric. Ela formou-se na Faculdade de Música em Santa Cecília São José dos Campos, licenciada em Educação Musical e Piano em 1960 e Bacharel em Artes liberais, Letras pela Ohio State University, Columbus em 1968. Iniciou seu doutorado em psicologia na Mansfield State College mas em 1970 interrompeu seus estudos para voltar a São Paulo e lecionar como alfabetizadora de adultos nas Faculdade Católica de São Paulo no ano de 1971. De 1973 a 1975 foi Coordenadora do Centro de Arte Terapia SP.

Em São Paulo esteve diretamente ligada aos educadores paulistas como: Iracy Rossi, Luis C. Marques, Neville Hanna Amaro e Norma Freire. Em Brasília no ano de 77 foi Assessora da Direção de Ensino Especial da FEDEF. Chegou a Olho D'Água e em Alexânia em 1979 para ser Diretora da Escola Normal de Alexânia GO. De 1974 a 1984 foi Diretora da Escola Experimental De Olhos D'Água/ Go. Coordenou e atuou como Técnica em Assuntos educacionais da Subsecretaria de Educação Supletiva, MEC, Brasília/DF, 1984-1986. Até em 1987 seu último trabalho como Pesquisadora do Centro de Produção Cultural e Educativa - CPCE da Universidade de Brasília. Uma de suas maiores contribuições a educação foi o trabalho desenvolvido na Escola Experimental e a coleção Meu Universo, nove livros que orientaram os alunos e professores no estudo da Comunicação e Expressão. Da cartilha até a 8ª série. Sinclei morreu vítima de problemas cardíacos no dia 7 de dezembro de 1987.

Fonte: Fazzolino, Monica, Processo Histórico e Social do Projeto Educacional no Povoado Santo Antonio de Olhos D'Água-GO, Anápolis, 2005.

séria era composta de nove livros desde a cartilha até a oitava série. Os livros foram aprovados pela INL, pelo Ministério da Educação e adotados em 1976 por mais de cinquenta escolas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília e Goiânia.

“Nesta escola toda a comunidade participava, já que o processo de aprendizagem envolvia, além dos professores, os pais, os artesãos, os curandeiros, os artistas locais, os comerciantes, os produtores rurais, etc. Os estudantes não ficavam simplesmente sentado numa cadeira a espera que o mestre depositasse sabedoria em suas cabeças. A busca da compreensão da realidade era algo dinâmico e compartilhado por todos que militavam na Escola. Oficinas de teatro, de hortaliças, de fabricação de doces, de festas populares, de música, de artes plásticas...substituíam boa parte das costumeiras e massificantes aulas convencionais. Dava pra sentir que os estudantes gostavam de estar na escola, de participar dos inúmeros trabalhos e que naquele meio todos aprendiam a matemática, a língua portuguesa, a história e as iniciações às ciências naturais e sociais. Era tudo muito vivo. A escola tinha carroça e cavalo, ferramenta para trabalhar a madeira, projetor de cinema, serviço de alto falante, aparelho de televisão, forno para cerâmica, Casa da memória e tecelagem de algodão” (CORREIO BRASILIENSE, acessado em 28 de novembro de 1986).

De acordo com Fazzolino, a escola experimental de Olhos D’Água “é um trabalho que dá a visão total e real das coisas. O homem perdeu, há muito a sua identidade e é preciso que as crianças também não a percam”. Um dos resultados analisados por Fazzolino durante a existência da Escola Experimental foi o de “modificar o comportamento, integrando equilibradamente o homem consigo mesmo, com o meio e o ambiente”.

Na Escola Experimental “as histórias são contadas a partir do próprio lugar e da própria criança, seu dia a dia, sua força vital”. Nesta prática educativa, a preocupação era formar um sujeito humano, enquanto ser social e historicamente situado.

Mesmo que quase esquecida, criticada ou negada a experiência do Grupo Escolar Experimental criada por Sinclei Fazzolino, ainda está viva na memória e no comportamento de moradores e ex-estudantes da escola. Os projetos políticos pedagógicos existentes nas escolas do distrito não contam esta história. A atual diretora

da escola GFQ fez parte da última turma da Escola Experimental, local aonde realizamos a presente pesquisa. Em 1985 os estudantes foram transferidos para a Escola Estadual Marcigalha aos cuidados da diretora Rita de Cássia e da professora Custódia.

A escola do Grupo Experimental teve um importante papel de valorização da cultura e identidade do povoado, em contraposição ao que ocorre em Olhos D'Água atualmente, quando a comunidade nega a história cultural de seu lugar e vai se desfazendo as relações de pertencimento com este local.

Analisando a história da educação na região de Olhos D'Água repara-se que as escolas também são marcadas pela história cultural do lugar. O olhar de fora, as influências dos projetos educativos e culturais que ali aconteceram na década de 70 marcaram também a história do lugar. A chegada das educadoras Laís Aderne (criadora da Feira do Troca) e Sinclei Fazolino (criadora do Centro de Educação Experimental Grupo Escolar) que ali desenvolveram na década de 70 e 80 projetos educacionais e culturais, ainda residem na memórias dos antigos, formaram os adultos que hoje são os comerciantes, líderes e artesãos do lugar. Esses fomentadores educacionais e culturais multiplicaram-se no local através de moradores, professores e artesãos sensibilizados nas propostas vivenciadas daquela época. Este grupo formado na Escola Experimental e nas primeiras Feiras do Troca, preservam seu artesanato, sua cultura local e tem mantido os saberes e fazeres da região. Ainda inspiram os atuais professores, pois todos eram crianças na década de 70 e lembram-se do quanto foi renovador tais experiências cidadãs e artísticas vividas naquele tempo. Os professores do distrito, hoje em sua maioria, tem uma formação de nível superior em faculdades particulares. Os estudantes da época do Grupo Escolar de Sinclei Fazolino e os artesãos estimulados por Laís Aderne hoje são pais e mães que guardam valores ligados a sua cultura local, tanto em seu fazer profissional quanto em sua educação; foi uma geração que vivenciou através do Grupo Experimental uma forma de educação ambiental ligada a valores culturais próprios, o que manteve seus saberes preservados, já a atual geração de professores não tendo passado por esta experiência e por nenhuma outra formação crítica possuem uma visão da educação tradicional que atropela os saberes e fazeres locais.

O lugar tende a perder suas peculiaridades culturais e educacionais diante a homogeneização e globalização do pensar e fazer a educação, caso não seja implantado nos projetos políticos pedagógicos da escola propostas como as que já foram realizadas no distrito na década de 70 como foi a experiência do Grupo Experimental. A escola representava uma parte ativa na formação de sujeitos ecológicos, uma vez que os

professores conheciam a realidade local, sua história, sua cultura, sua identidade, havia uma relação entre o cultural e o ambiental, uma educação em sintonia com o lugar.

Hoje a cultura local perde tanto em seu espaço simbólico quanto em seu espaço geográfico; o Cerrado fica cada vez mais diminuído e empobrecido como também a diversidade cultural da região tem se tornado menos valorizada. A escola tem muito que aprender com os mestres do lugar e com o saber popular, eles fazem parte não só da memória, mas da vivência e da bagagem dos professores e estudantes. As festas tradicionais, os pousos de folia, a dança da catira, a cozinha caipira, a música de viola, a reza e os remédios da roça, as fibras e frutos do Cerrado, as nascentes e os rios do lugar, suas matas e os animais fazem parte de um patrimônio material e imaterial que atualmente é pouco discutido e visitado pela escola. Antes mesmo que o Cerrado e sua cultura local sejam reconhecidos pelos atuais estudantes correm risco de serem extintos e não conhecidos pelas escolas.

3. Escola Geminiano Ferreira de Queiroz

Nós realizamos o nossa pesquisa na Escola Geminiano Ferreira de Queiroz. Ao redor da escola ainda percebe-se uma área de Cerrado, com vegetação de campo sujo, com arbustos típicos ainda preservados. Nesta área de Cerrado dá-se o nome de Morro da Alegria. Próximo dali, abaixo uns 800 metros, existe o Rio Galinhas com uma enorme voçoroca, além de chácaras, casas, loteamentos e fazendas com gado, plantio de soja e áreas de reflorestamento com eucalipto.

As condições estruturais da escola são de excelente estrutura física, reformada e inaugurada pela hidrelétrica Corumbá IV em parceria com a prefeitura de Alexânia em 2010. Dispõe de sala de professores, sala de recepção, sala da direção, biblioteca, sala de informática, refeitório comum, banheiros limpos, cozinha equipada, pátio aberto com campo para jogos, jardins, horta, oito salas para as turmas da educação básica e ensino fundamental, equipamento para áudio visual.

O número de estudantes matriculados em 2012 foram 152 divididos em educação infantil e fundamental. O perfil geral dos estudantes é de baixa renda e relacionados à vida rural. Nesta escola trabalham seis professores, o que os obriga a dobrarem o turno porque não existem professores suficientes na rede pública municipal. Os professores moram no distrito, possuem magistério e formação superior. São quatro

coordenadores, sendo que dois são pedagogos com pós-graduação assim como a diretora que é pós-graduada em Psicopedagogia. A escola não possui profissionais para orientação, supervisão e atendimento psicopedagógico aos estudantes e aos professores, assim os coordenadores e a diretora fazem um rodízio e possuem dupla função. A escola é considerada inclusiva com rampas e equipamentos pedagógicos, porém não conta com apoio especializado. O ensino inclusivo e a informática ainda estão em processo de implantação na escola. Somente os professores têm computadores disponíveis.

A direção da escola municipal de Olhos D'Água GFQ teve o interesse em desenvolver durante o ano de 2011, paralelamente ao seu currículo, um projeto de Educação Ambiental em Projetos de Horta e Jardins Aromáticos que por ventura teve a parceria do Programa de Educação Ambiental da Corumbá IV SA. A importância da Corumbá IV na região vem da obrigação de minimizar o impacto dos alagamentos de terras para a construção do lago que transformou-se no reservatório e hidrelétrica que abastece Brasília. A instituição precisa de alguma forma beneficiar os municípios e desta forma realização a compensação através de reformas nas escolas da rede municipal e desenvolvem programas socioambientais na região. Como resultado desta ação, a horta e o jardim dentro da escola GFQ ao longo do ano foram mantidos por um funcionário com recursos da Corumbá IV e seus produtos, como verduras e legumes, serviam para a merenda dos estudantes da escola. Os temperos foram utilizados na festa do folclore como degustação de chá com uso de plantas medicinais.

Nós realizamos algumas visitas iniciais a escola, após observação, apresentação e a inserção da pesquisa, começamos a trabalhar com a professora G do 4º ano que tinha o objetivo de trabalhar a temática cultural e ambiental com os estudantes. A Secretaria de Educação do Estado de GO sugere que sejam trabalhadas as questões climáticas através da criação de pesquisas, maquetes e cartazes sobre o assunto. Na reunião inicial que tivemos com esta professora, ela apresentou seus planos de atender as exigências do Projeto Político Pedagógico, desenvolvendo trabalhos relativos ao efeito estufa, a poluição dos rios e ao aquecimento global. Em nenhum momento, ela referiu-se as questões regionais relacionadas a cultura local e ao Cerrado, nem mesmo sobre a história do lugar, os artesanatos, as nascentes, ou seja, a relação entre o meio ambiente e cultura local. Por acreditarmos numa educação ambiental capaz de unir a educação formal com a educação não formal através do diálogo entre a comunidade e a escola a partir da realidade socioambiental local é que criamos uma proposta de educação

ambiental que pudesse unir o fazer cultural local com as questões ambientais para a formação do sujeito ecológico a partir da visão histórica e social do lugar.

A proposta da nossa pesquisa foi bem recebida pela escola GFQ. As saídas da escola para analisar a comunidade, ver seu espaço, seus personagens, a natureza e interagir com a cultura local entusiasmaram os estudantes e foram consideradas pela direção um aspecto inovador, o qual a diretora via relação com o que já havia ocorrido na época do Grupo Experimental da Sinclei Fazzolino. As saídas de campo e as entrevistas aos mestres locais foram o momento de culminância do projeto de educação ambiental na escola GFQ.

O cronograma das atividades na escola foi feito a medida que o projeto ia sendo desenvolvido. A cada reflexão era impulsionada uma ação que gerava outra reflexão com os estudantes, e assim, os planos da pesquisa foram sendo articulados e desenvolvidos a partir dos interesses dos estudantes. O que nós queríamos era que os estudantes pudessem experimentar e descobrir o seu próprio ambiente, dentro e fora da escola, daí a importância de fazer as pesquisas com intenção de integrar os conhecimentos adquiridos a realidade escolar sem preconceitos. O que nós propúnhamos era que os estudantes pudessem se apaixonar pela sua realidade, deixando se envolver pelos temas, sem perder a razão. Cada passo foi planejado, mas podíamos mudar de direção, improvisar e seguir outros rumos de acordo com os resultados da própria pesquisa. A metodologia foi assim definida, o problema foi situado e os temas escolhidos, de tal forma que a pesquisa através da observação da escola, da história, da cultura, do lugar, da nascente, do bioma Cerrado, da culinária, dos mestres, tudo passou a ter sentido para os estudantes.

4. PROJETO DE INTERVENÇÃO “EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CULTURA E MEIO AMBIENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL”

Ao chegar à escola GFQ para dar início a pesquisa-ação, me deparei com a questão dos Parâmetros Curriculares Nacionais porque as professoras mencionaram que as atividades realizadas na educação ambiental escolar estavam relacionadas com tais parâmetros. No ensino fundamental estava sendo trabalhado como educação ambiental somente as questões globais e relativas ao efeito estufa, aquecimento global, lixo e poluição.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais existem os seguintes temas transversais: Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade), Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis), Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental), Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade Cultural (Pluralidade Cultural e a Vida das Crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o Ser Humano como agente social e produtor de cultura, Pluralidade Cultural e Cidadania) e Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania).

Estes temas deveriam ser incluídos no currículo das escolas em cada fase do ensino básico, fundamental e médio. Os temas transversais surgem para afirmar o compromisso da construção da cidadania e de uma educação voltada para a compreensão da realidade social e correspondem a questões importantes e urgentes da sociedade, desafiando as escolas, abrindo-as ao debate sobre questões conflitantes e problemáticas da atualidade.

No tema transversal Meio Ambiente nos PCN é proposto os seguintes tópicos: crise ambiental ou crise civilizatória, educação ambiental e cidadania, noções básicas para a questão ambiental, meio ambiente e seus elementos, elementos naturais e construídos do meio ambiente, área urbana e rural, fatores físicos e sociais do meio ambiente, proteção ambiental, preservação, conservação, recuperação, degradação, sustentabilidade, diversidade, conteúdos relativos a valores e atitudes, ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental e realidade local e outras realidades como suporte para as propostas pedagógicas.

A proposta central do documento para o tema transversal Diversidade Cultural está direcionada ao repúdio à discriminação e defesa dos valores de solidariedade humana, reconhecimento e da valorização — termos muito recorrentes no documento — da heterogeneidade cultural brasileira, considerando-os como processos necessários para a atuação contra a discriminação e a exclusão no Brasil. No entanto, não existe qualquer tipo de menção à ambigüidade cultural e às relações historicamente construídas entre grupos e indivíduos. Não encontramos qualquer tipo de menção a relações, embates ou disputas que, a nosso ver, são intrínsecos à construção do panorama da diversidade cultural, o que exigiria uma reflexão mais ampla sobre a complexidade que constitui as relações históricas entre os diferentes grupos sociais dentro da escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais norteiam e definem de maneira geral a abordagem acerca de meio ambiente e pluralidade cultural, porém seu conjunto de propostas é inoperante no cotidiano escolar. Segundo Valente (1997) “no conjunto da proposta sobre a pluralidade cultural, considera-se insuficiente, pouco articulada e esclarecedora a problematização desses conceitos, sobretudo se se parte do princípio de que os PCN definem o primeiro nível de concretização curricular, até alcançarem o quarto nível, quando deverão nortear as atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula”.

De tal forma é importante que sejam promovidas reflexões e ações junto ao corpo docente das escolas para que se possa refazer o olhar sobre a relação da cultura com o meio ambiente, para que a educação ambiental seja uma proposta de fato relevante para a escola e comunidade local. Os PCN não conseguem nortear ações deste tipo, pois são um parâmetro muito genérico e não é possível despolitizar a cultura ou o meio ambiente, traçando planos que não toquem em questões reais de cada município. Segundo Valente, existem causas diversas para a crítica sobre a superficialidade do PCN, porque essa proposta seria uma lista daquilo que a escola deveria seguir a respeito de um ideário acerca de um “humanismo inútil” com interesses breves de “um pragmatismo utópico onde a escola ainda é um agente homogeneizador” (Valente, 1997: 18).

Os PCN indicam parâmetros para uma educação com comprometimento social para a construção da cidadania, elencando a dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação e corresponsabilidade pela vida social como princípios fundamentais e conhecimentos necessários para a democratização e cidadania garantida

pela Constituição, estes objetivos são pertinentes mas na prática cotidiana não são viabilizados porque faltam ferramentas para implantarem tais conceitos e valores no cotidiano escolar. Embora os professores no ensino fundamental, como todas as etapas do ensino, devam seguir os Parâmetros Curriculares Nacionais, existe uma grande dificuldade para que consigam adequar as propostas interdisciplinares no dia a dia escolar. Para que seja possível a inclusão dos temas transversais no projeto político pedagógico da escola deve haver interesse e integração entre os professores, apoio da direção, tempo e capacitação dos professores e material para atender as especificações dos temas transversais dentro de sala de aula.

Os PCN sugerem caminhos que na realidade os professores de escolas municipais não tem encontrado alternativas para atuarem de forma transversal. É muito comum, os professores não sentirem-se aptos e com disponibilidade para trabalhar de acordo com tais propostas. Cada eixo da temática transversal como, por exemplo, meio ambiente no ensino fundamental, são pouco tratados por professores que já se encontram tumultuados com as metodologias e conteúdos de suas disciplinas específicas. O conteúdo é extenso e o professor ainda deve inserir debates sobre saúde, pluralidade cultural, ética, orientação sexual, o que deixa o professor despreparado para tais reformas educacionais. Segundo Valente (1997), os parâmetros se mostram inoperantes na prática dentro do cotidiano escolar, isto nós pudimos confirmar durante o período de observação da pesquisa na escola GFQ.

Existe também um Programa de Atividades Educacionais Complementares (PRAEC'S) proposto pela Secretaria de Educação (SEDUC) no Estado de Goiás através do Núcleo de Educação Ambiental (NEA) que visa à capacitação de agentes formadores de opinião por meio de estudos, pesquisas científicas e educação ambiental, mas que, no entanto, não foi possível perceber a sua aplicabilidade no município.

O governo de Goiás instituiu a lei estadual 16.586/16/06/09 sobre a Política Estadual de Educação Ambiental em Goiás. Um dos objetivos mais importantes deste documento é a “inserção da Educação Ambiental nos projetos políticos pedagógicos das escolas, a promoção de seminários na rede estadual, integrar a SEDUC ao Meio Ambiente, estimular comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (COM-VIDA) e coordenar o Programa Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas com a criação das Conferencias Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente”.

Apesar da educação ambiental ter garantias legais existe uma distância grande para que de fato seja implantada nos projetos políticos pedagógicos de cada escola municipal, por esta razão decidimos inserir este projeto na escola.

Observamos que apesar da importância da educação ambiental nas escolas, ainda prevalecem informações gerais e superficiais com ações pontuais como a construção de horta e a coleta seletiva do lixo sugeridas nas cartilhas pedagógicas editadas pela SEDUC como pudemos verificar nos cinco cadernos para educação ambiental que tratam sobre as mudanças climáticas com sugestões de atividades e três cadernos para a produção de hortas. Desta forma, observa-se que educação ambiental no Estado de Goiás e nos municípios tem uma gama diversa e superficial de entendimento e de orientações para a realização de atividades e ações em sala de aula que é muito distante da ideia da construção do sujeito ecológico a partir da realidade e da relação com a cultura local.

No Projeto Político Pedagógico da Escola GFQ constam sugestões para serem tratadas algumas questões ambientais:

“Em ciências será trabalhado a conscientização do uso sustentável da água (Lei Estadual 16.989/010) e educação ambiental (Lei Estadual 9.795/990: Projeto Meio Ambiente-Processo Ensino Aprendizagem- Despertar a conscientização a respeito do meio ambiente e da importância da sua preservação, assim como da necessidade do reaproveitamento do lixo por meio da reciclagem: Projeto Horta e Jardinagem, a Feira de Ciências e um Projeto Meio Ambiente bimestral com estudantes do 1º ao 5ºano”.

Em realidade, a educação ambiental na escola GFQ tinha sido tratada através dos programas da Corumbá IV que realizou a construção de hortas, jardins aromáticos e a implantação da coleta seletiva de lixo, mas a escola tinha interesse em parcerias para desenvolver outras propostas nesta área.

A nossa proposta sobre Cultura e Meio Ambiente no Ensino Fundamental foi apresentada na escola depois do período de observação do funcionamento e do contexto escolar. Fomos a reuniões com a direção e a coordenação da escola, procurando integrar a demanda dos professores com os objetivos do projeto. Os professores comentavam e

pediam auxílio na questão da alfabetização e dificuldades de leitura e escrita dos estudantes da turma, bem como sobre os problemas de indisciplina e violência dentro da sala de aula mas conseguimos integrar também os temas de relevância ambiental e cultural com as saídas de campo dentro do projeto. Os professores e a diretora da escola GFQ mostraram-se receptivos, curiosos e colaboradores em relação ao Projeto.

Nós decidimos trabalhar apenas com uma turma do Ensino Fundamental durante o segundo semestre de 2011 em que os 18 estudantes estavam no 4º ano com a professora R e continuamos no primeiro semestre de 2012 com a mesma turma no 5º ano com a professora G. Foi possível estabelecer em um ano uma relação amistosa e afetiva com a escola e com as crianças do projeto. A direção da escola sempre esteve disponível ao projeto, compreendendo sua dimensão comunitária e histórica. Observamos que os professores tem parentesco com aqueles ex-estudantes que se formaram no Grupo Experimental. Apesar dos professores mais velhos guardarem a experiência positiva que tiveram no projeto da Sinclei Fazzolino, essa vivência não reflete na atualidade em uma pedagogia mais próxima a cultura local e a natureza.

No segundo semestre de 2011 os estudantes estavam no 4º ano e trabalhamos os temas mais voltados as tradições locais como a culinária e o artesanato; no primeiro semestre de 2012 foram trabalhados aspectos da cultura local através dos mestres locais, da história do lugar e a questão ambiental das nascentes, do bioma Cerrado e realizamos as saídas de campo.

A professora G pediu que os estudantes fizessem redações, pois eles apresentavam muitas dificuldades na escrita, daí sugerimos que todas as atividades fossem registradas num diário. As atividades de campo foram realizadas com agendamento prévio e autorização dos pais, uma vez que por “motivos legais” essas atividades são consideradas passeio e por isso são optativos. Sem exceção, todas as atividades transcorreram com tranquilidade, alegria, organização e disciplina.

As atividades de produção textual, contação de histórias e culinária do Cerrado foram as que mais interessaram aos estudantes durante esta etapa do projeto. As receitas de bolo de jatobá, brigadeiro de pequi, jatobá e baru, bolo de mandioca, cuscus de cajuzinho foram retiradas do Módulo III “Agroextrativismo no Cerrado” produzido pela ECODATA (Associação Brasileira de Meio Ambiente e Tecnologia da Informação 2009) e foram realizadas coletivamente, assim como também, foram registradas textualmente, graficamente e oralmente por cada estudante através de fotos, desenhos e redações num exercício de comunicação e expressão. Eles participavam realmente das

atividades, tanto na escolha como na produção de tais quitutes e as receitas de culinária passaram a ser oficinas práticas de pesquisa e vivência.

Fizemos da produção oral e textual momentos de análise sobre as experiências vivenciadas pelos estudantes com a intenção de propiciar um processo de “reflexão e elaboração” espontâneas, sem correções de possíveis erros de concordância ou de ortografia, já que a professora faria isso na disciplina de português. Tampouco existiu a avaliação com pontuação das atividades, o importante era a participação de cada um e o seu envolvimento no coletivo. Em cada experiência de culinária eram trabalhadas as operações matemáticas com a multiplicação da receita por três ou quatro vezes mais. Os conteúdos de ciências eram pesquisados quando buscávamos conhecer os frutos do Cerrado e suas características sazonais. A geografia também era desenvolvida quando identificávamos de que região e em que cultura tem origem aqueles pratos e aquelas comidas. Os conteúdos de história foram os mais trabalhados, partimos daquilo que os estudantes conheciam e juntos pesquisamos sobre a cultura local, sobre o Pouso de folia, a Festa do Divino, a Festa de Santo Antonio, sobre as benzedeiças, os tropeiros e a catira. Assim foi possível que eles se identificassem com a sua cultura local e pudessem ter uma noção de pertencimento com este lugar através da história e o contexto cultural, seus hábitos, manifestações artísticas, suas festas e tradições e a relação desta cultura com meio ambiente do qual eles fazem parte.

Pudimos perceber que a auto-estima dos estudantes foi estimulada através da valorização de suas bagagens culturais e de sua maneira própria de narrar suas experiências. Os estudantes não seguiam nenhum modelo esperado nem mesmo foram corrigidos sobre a maneira correta de se expressar. Obtivemos como resultado nesta fase do projeto que os estudantes tivessem maior desenvoltura e espontaneidade na comunicação. Observamos uma diminuição da timidez e do medo de errar tanto na leitura como na escrita e na fala. Também observamos uma maior interação cooperativa entre os estudantes e o reconhecimento da importância da cultura local e suas tradições como elementos a serem valorizados pela comunidade e pela escola. Os estudantes que tinham tido o “pior” desempenho da sala de aula com dificuldades de aprendizado e na escrita eram aqueles cuja participação nas atividades do projeto se desenvolvia com maior desenvoltura pois ali descobriam o seu espaço original como estudantes da “roça” que não lêem nem escrevem bem “direitinho”, ao mesmo tempo, são os que montam cavalo, tiram leite da vaca, conhecem os rios, nomeiam as plantas, ajudam na cozinha, conhecem as crendices, respeitam os foliões, dançam catira e conhecem a realidade

local de maneira única porque eles tem um jeito diferente ser. Nessas atividades estes estudantes foram “promovidos” entre eles mesmos a outro nível de importância que antes do projeto não era revelado e compartilhado na turma. Este fato proporcionou não só uma maior auto-estima, alegria, afeto, mas também uma mudança de atitudes e paradigmas entre a equipe escolar diante do estigma e preconceito existente acerca dos estudantes da área rural com dificuldade de aprendizagem e também sobre a alfabetização e a oralidade.

A nossa preocupação é a mesma que Gadotti nos apresenta: “O que valerá no futuro currículo do estudante? Valerá mais a entrevista do que as notas e o currículo, valerá mais seu engajamento em atividades coletivas ou na prestação de serviços voluntários, valerão os estágios feitos (...) o que fará a diferença é a vivência do estudante, sua capacidade de adaptar-se a novas situações, seu espírito crítico, sua facilidade de comunicar-se, capacidade de lidar com pessoas e de trabalhar em equipe (...) e a “Nova escola, a escola cidadã, gestora de conhecimento, não lecionadora, com um projeto ecopedagógico, isto é ético-político, uma escola inovadora, construtora de sentido e plugada no mundo” (Gadotti, 2000:46).

4.1 Visita ao Coreto e a Nascente

Durante a segunda etapa da pesquisa, nós realizamos a primeira saída de campo ao Coreto na Praça Santo Antonio de Olhos D’Água e à nascente Olho D’Água na Rua da Mina para análise da situação ambiental local e a relação da história do lugar com o espaço físico. A escolha da nascente se deu não só pelo aspecto ambiental e histórico, já que foi ai que nasceu de fato o distrito, mas também pelo fato de que ali é um ponto de encontro das pessoas do lugar. Tudo que acontece no lugar é conversado as margens da nascente. Lavando roupas e conversando sobre Olhos D’Água, as pessoas discutem sobre o passado e o futuro da região. Tudo que acontecer na mina é contado e disseminado por todo o distrito.

De acordo com Callai (1998), o lugar exerce influência na cultura local, a história do lugar em todo seu aspecto não só geográfico, mas também cultural, integra as formas de ocupação e as relações com o meio ambiente. De tal forma que a nascente representava simbolicamente nesta primeira saída de campo, o nascimento de cada

indivíduo ecológico; conhecer a história do início do povoado era a abertura para o surgimento de uma nova perspectiva educacional a partir da situação sócio-ambiental.

Os estudantes trouxeram a autorização dos pais por escrito para que pudessem sair da escola acompanhados da coordenadora, da professora e por mim. A caminhada se deu com os 18 estudantes devidamente uniformizados e eles sugeriram realizar a coleta de lixo do chão das ruas por onde íamos passando. Todos os estudantes disputavam para ver quem catava mais lixo, quem ajudava mais a deixar as ruas, a praça e a mina bem limpas. Ao chegarmos ao Coreto da Praça foi realizada uma conversa informal sobre o Tratado de Tordesilhas que dividiu a Praça entre Portugal e Espanha, assunto que desconheciam e insere Olhos D'Água na história nacional no período colonial. O acordo assinado em 1494 entre Portugal e Espanha estabeleceu os limites dos territórios descobertos pelas duas potências durante o período da expansão marítima e dividiu o mundo a partir de um meridiano a 370 léguas a oeste do Arquipélago de Cabo Verde, sendo que as terras a oeste da linha ficaram com a Espanha e as terras a leste, com Portugal. O Tratado permaneceu válido até 1750, quando passou a vigorar o princípio de que a terra pertencia a quem a ocupava.

Também comentamos sobre a história recente do Coreto da Praça através da memória da professora G que quando criança participou de uma peça, organizado pela professora Laís Aderne para a inauguração do coreto na Praça Santo Antonio há mais de 20 anos atrás. Os estudantes mostravam-se interessados na história do lugar e percebiam as correlações entre os personagens reais do lugar como parentes, ao mesmo tempo, se perceberam dentro da história, fazendo parte integrante de uma história real através de seus pais e no futuro continuará através de seus filhos.

Seguimos para a área da nascente onde foi feita uma explanação sobre a área de recarga, lençol freático, mata ciliar e desmatamento do local. Esse local servia de parada para os antigos tropeiros dar água para os cavalos mas também era a água para fazer adobe, para cozinhar, lavar roupas e banhar crianças. Os estudantes entenderam que ali na mina foi onde toda a história e o próprio povoado teve origem, onde tudo começou. Inclusive o nome de Olho D'Água veio deste local. Muitos estudantes desconheciam a história e o lugar que originou o distrito. Os estudantes puderam perceber o nível de abandono da nascente, o que simbolizava a negação da história e da cultura. O lugar tão importante encontrava-se sujo e com poucas árvores, sem conservação no aspecto

ambiental. A água que antes era abundante, já estava em risco de acabar, toda a área da nascente encontrava-se em processo de degradação ambiental e cultural.

Propomos a limpeza do lugar, o plantio de mudas de árvores nativas do Cerrado e a mobilização da vizinhança no cuidado com a nascente. A realização do plantio de mudas nativas para a recuperação da área degradada foi feito de forma que cada aluno plantasse uma muda, cercasse, colocasse uma placa com sua identificação e por ela se responsabilizasse. Foi uma experiência que tocou profundamente a história individual de cada um; a ideia de responsabilidade e cuidado despertou valores de pertencimento ao lugar e identidade. Durante a atividade houve a participação de antigos vizinhos da mina e ali foram sendo descobertos fatos que eles nunca tinham ouvido falar: as primeiras casas de adobe foram feitas com barro daquele lugar; a água da mina descia até o rio Galinha e todos podiam escorregar e banhar naquele lugar. Antigamente o Pouso de folia era naquela rua, onde existiam becos que ligavam a mina e davam passagem até a Praça Santo Antonio.

A proposta de pesquisar in loco as origens do lugar, limpar, cuidar, semear, plantar árvores e compartilhar ideias foi muito além de fazer aquilo que foi sugerido por nós. O que inicialmente seria cuidar da nascente transformou-se em um momento de resgate da memória do lugar. Eles comentaram depois que seus pais não conheciam a história da mina nem sabiam que na Praça Santo Antonio do Olho D'Água passava a linha do Tratado de Tordesilhas que dividiu o mundo entre Portugal e Espanha em 1494 quando o Brasil ainda nem existia.

Ver in loco a realidade da nascente fez com que os estudantes tivessem o desejo de mudar essa realidade e se comprometeram a passar ali diariamente para regar as mudas plantadas, pois a área está muito mal conservada e a água da mina seca de agosto até janeiro; quando a água secasse, iriam fazer um rodízio de responsáveis pela rega. Eles se interessaram em conseguir mais mudas e pedir ajuda a prefeitura para essas atividades da escola assim como na preservação da área e na futura criação de um parque naquele local, uma vez que não seria possível fazer todo este trabalho de preservação somente dentro do projeto. Eles escolheram as mudas de embaúba, buriti, ipê, pau d'óleo, jatobá, pitanga, anjico, pau ferro para que a área começasse a ser recuperada. Planejamos outros plantios no tempo das chuvas, próximo a Feira do Troca em dezembro, envolvendo mais pessoas da comunidade, visitantes e a parceria da Secretaria de Meio Ambiente de Alexânia. Os estudantes e a professora entenderam que

não adiantaria plantar somente ali na área da nascente, que seria necessário plantar em toda a região protegida, mas que ao menos era um bom exemplo para a comunidade e que já era um começo para outras ações na recuperação de áreas degradadas.

Posteriormente a cada saída de campo foi feita a reflexão coletiva, a produção de redações e um mural sobre as atividades realizadas. Os estudantes ficaram convencidos de que plantar na nascente e proteger a mina era uma ação importante. Os moradores vizinhos à nascente também ficaram mobilizados e envolvidos com o plantio, ajudavam com ferramentas, disponibilizavam água para a rega durante a seca e colocaram proteção nas plantas para que os animais soltos das ruas não danificassem o seu crescimento. Fora do horário e das atividades escolares, os estudantes me procuravam para colocar as placas que foram produzidas por eles mesmos para identificar as mudas e fazer a campanha de conscientização sobre a importância da mina, para que os moradores não jogassem lixo no chão e ajudassem no plantio das mudas, conservando aquela área como um espaço preservado. Este lugar se tornaria uma nova praça ambiental adotada pelos estudantes da escola. A professora foi extremamente participativa, tanto no turno das aulas como fora do horário para a criação das placas e divulgação do projeto.

Nas atividades de campo a professora interagiu e integrava-se, aproveitando os temas e os momentos vivenciados para ressaltá-los posteriormente em sala de aula nos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas curriculares como história, geografia e língua portuguesa. Trabalhava com os estudantes o registro textual das atividades em seus diários de classe e a produção de murais para decorar a sala.

4.2 Visita ao Morro da Alegria

A segunda saída de campo foi a uma região próxima da escola para visita e detalhamento sobre as espécies do Cerrado, suas funções medicinais e culinárias. Antes da saída com os estudantes foi feito novamente o processo de pedir por escrito a autorização dos pais. Apesar de ser considerada atividade pedagógica, os estudantes e a equipe tratam a saída de campo como passeio. Nós convidamos pessoas consideradas mestres locais entre eles: Pedro Samambaia, Dona Zefinha, sua irmã Dona Zosa, Silene Farias e Dinda para que fossem nossos guias ao local definido. A seleção dos mestres foi feita por mim pelo fato de serem antigos moradores no distrito, conhecedores da

cultura local, das plantas e dos hábitos. Os mestres foram orientados a guiar os estudantes da escola até o Morro da Alegria, observando as características ambientais e as mudanças de paisagens do Cerrado. Passamos de uma área considerada urbana para outra totalmente rural dentro das matas do Cerrado. Observamos áreas desmatadas, áreas de pasto abandonado ou com gado e cultivo. Permanecíamos em grupo, anotando tudo que era encontrado e comentado pelos mestres. As espécies de árvores encontradas foram Pequi, Cajueiros, Barbatimão, Jatobá, Copaíba, Ingá, Cagaita, Mangaba entre outras árvores do Cerrado que posteriormente foram desenhadas em sala de aula. Naquele dia eles anotavam tudo que os mestres ensinavam: “A raiz do carapiá serve pra gripe; a folha do velame pra infecção; a carobinha, a canela de perdiz, a douradinha para os rins; a casca do barbatimão pra banho de assento; o leite da mangaba pra mulher na menopausa; o vegatesa pra homens... além das frutinhas do pequi, do caju da mama cadela, do caju, da cagaita”. No momento de campo foram coletados frutos, flores, cascas, sementes e comentadas sobre seu uso medicinal, artesanal e/ou na alimentação. O conhecimento de tais mestres é imenso e os estudantes não deixavam de anotar tudo que ouviam. A atenção dos estudantes em cada árvore ou arbusto encontrado era notável. Organizavam-se de modo que enquanto uns coletavam pequenas mostras das plantas, outros iam fazendo os registros. A professora participava e relembra de receitas e remédios caseiros que sua mãe fazia quando era criança. Cada estudante tinha uma história pra contar com algum fruto ou animal relativo ao Cerrado e sobre as datas de pouso de folia, por onde passam os foliões montados em seus cavalos. Todos estiveram muito contentes e animados com a saída de campo e perguntavam por que não poderiam ter mais aulas assim fora da sala de aula.

Descobriam ali que o Cerrado tinha alimentos, remédios, elementos para artesanato e decoração, caminhos de tropeiros e espaço para fazer pouso de folia. Descobriram que suas vidas eram tão ligadas ao Cerrado e não tinham dado atenção a tal fato anteriormente, eles achavam até, de forma preconceituosa, que o Cerrado era como um mato qualquer, sem utilidade, até mesmos os seus pais diziam que podia atear fogo e destruir que o Cerrado não tinha utilidade nenhuma. Aprenderam que o Cerrado possui muitas riquezas e que é um crime desmatá-lo, e que inclusive, temos que manter áreas de reservas para sua conservação.

A saída de campo tinha limite de horário por conta do lanche. Ao regressarmos da saída de campo, os estudantes fizeram outro mural coletivo, onde eles colaram e deram os nomes a todas as espécies encontradas com o seu uso medicinal popular.

Todos queriam ficar além do horário para acabar de produzir o mural, mas ficou para a próxima aula com a orientação e compromisso de continuidade com a professora da turma. Os mestres locais se mantiveram disponíveis e contentes em passar seu conhecimento e falar com os estudantes da memória e da história do lugar.

4.3 Proposta da culinária do Cerrado e a história oral local

É necessário compreender as diferenças do Brasil urbano e rural, respeitando as a diversidade natural e humana de cada região. O Brasil representa $\frac{1}{4}$ da riqueza biológica do planeta e 5% pertence ao Cerrado. Segundo a Rede Cerrado, até 2010, o Cerrado já havia perdido 48,5% de sua cobertura vegetal e o processo de devastação continua. Hoje, o bioma conta com 54 milhões de hectares ocupados por pastos e 21,56 milhões de hectares por culturas agrícolas. O Cerrado é o berço das águas para o Brasil e possui uma enorme e desconhecida biodiversidade. Sua importância é considerada primordial na defesa dos recursos hídricos nacionais.

Daí que sugerimos a professora G a exposição dos documentários sobre a Fotofissionomia e Agroextrativismo do Cerrado produzidos pela Ecodata que é uma ONG atuante em defesa do bioma Cerrado e desenvolve serviços de educação socioambiental. O objetivo era que os estudantes pudessem perceber os diferentes uso das diversas árvores do Cerrado como madeireiras, artesanais, culinárias e medicinais.

Nós realizamos uma explanação a partir do conteúdo do documentário que mostrou a importância das matas ciliares, da proteção de nascente e rios para os corredores de reservas naturais. Os estudantes conversaram muito sobre os assuntos específicos. Por certos momentos, a professora da turma tinha o ímpeto de pedir para se calarem, deixarem de conversas, mas ela também percebia que os estudantes estavam comentando sobre os temas da aula, que não estavam sendo indisciplinados. Eles comentaram que quando vão para os pousos de folia, eles dependem do Cerrado para comer, abrigar-se em estruturas de tabocas e reconhecem que a venda do artesanato a partir das plantas do Cerrado melhora a renda das mães, portanto, o Cerrado é tudo para a subsistência, tanto da própria natureza como da comunidade.

Posteriormente realizamos uma atividade culinária com a produção do bolo de jatobá. Aproveitamos para fazermos cálculos matemáticos, como chamamos atenção sobre a característica do fruto e da folha numa perspectiva interdisciplinar entre

ciências, geografia, história e língua portuguesa. Os estudantes, a professora, a coordenadora e a diretora ficaram felizes com esta experiência do projeto e com a delícia de fazer todas as etapas, de por a mão na massa até saborear o bolo de jatobá. Os estudantes comentaram muito sobre os nomes populares das plantas e as espécies que não se encontram mais no distrito porque já foram totalmente desmatadas. Eles lembraram da localização das árvores e sugeriram o mapeamento e a conservação das árvores que ainda existem, assim como, discutiram sobre o Novo Código Florestal que estava para ser aprovado.

Posteriormente todos assistiram ao documentário “Mãos que Constroem” de autoria de Allan Faria Marillis, filho da Ângela e do Almir, que moram há muitos anos em Olhos D’Água. O documentário foi baseado nas imagens do fotográfico de Kim-Ir-Sem². O objetivo desta apresentação foi sensibilizar os estudantes sobre a história local e ilustrar as mudanças ocorridas no distrito através das falas dos moradores. O documentário foi levado pelo professor Armando e foi bem interessante e emocionante quando os estudantes reconheceram lugares, eventos e pessoas durante a apresentação do documentário, isso mostrou a importância do trabalho que estávamos fazendo.

A seguinte atividade foi a realização de uma pesquisa sobre a história da Feira do Troca, evento cultural do povoado que tanto influenciou no seu desenvolvimento. A Feira do Troca foi um marco na vida dos habitantes do lugar que gerou uma demanda de trabalhos dos artesãos locais para oferecer nesta Feira. O objetivo da Feira era gerar renda e manter o estilo de vida local que estava intrinsecamente ligado as flores e frutos do Cerrado de maneira sustentável.

Depois propomos a realização uma palestra com os mestres locais e convidamos o professor Armando Faria, o marceneiro Antonio Costa, o poeta e músico Pedro Samambaia, a professora aposentada e alfabetizadora Dona Jorzina Gomes e a artista Silene Farias para contarem a história de Olhos D’Água através de suas memórias sobre o lugar desde a sua fundação. Eles contaram sobre a relação do artesanato local com as fibras naturais, o que atraiu os turistas, além dos eventos e as festas mas muita coisa ainda não deu certo como a política local e o abandono das questões importantes no distrito, o descaso e a poluição da praça, dos rios e das ruas. Nas palestras realizadas

² Kim-Ir-Sen se tornou fotógrafo profissional, trabalhou na Folha de São Paulo e, de volta a Brasília, ajudou a criar a Ágil, agência que se tornou referência no fotojornalismo na década de 80. Em 1988 se transferiu para São Paulo, onde atuou como repórter-fotográfico em várias publicações, entre elas a revista Guia Rural da Editora Abril. Em Goiânia, onde reside há 14 anos, Kim continua fotografando. Também leciona em faculdades de Comunicação e gerencia o seu Banco de Imagens, que em breve poderá ser totalmente acessado via Internet.

com cada um dos mestres, os estudantes descobriram fatos que não estão nos livros didáticos como, por exemplo, quando o Prof. Armando contou que:

“As terras pertenciam a poucas pessoas, terras de empréstimo, na beira do rego D’Água. Isso aconteceu aqui. Na família dos Marques, uma senhora negra, era mãe e ouviu falar da revolução em São Paulo e uns boatos que a escravatura iria voltar. Com medo fez uma promessa, se a escravidão não voltasse construiria uma Igreja. O coronel, Sr Geminiano Ferreira, e seu cunhado, Juvenal Parente, foram já ao serviço e mãos a obra. Tudo começou. Doaram nesta quadra terras para as pessoas que vinham ajudar na construção da Igreja pudessem pousar. Dia 14 de abril de 1844 foi inaugurada a Capelinha de Santo Antonio. Contribuíram para a festa e aí publicaram no jornal da época que de uma promessa para a escravidão não voltar surgiu o lugar e foi assim que começou”.

“Olhos D’Água, fundada em 1949, tem a ver com Alexânia. Foi dividida mesmo. O Sr Alex Abdala que era namorado de Guiomar na época que o Sr Geminiano era vereador em Corumbá, convenceu ele que se candidatasse a prefeito, sendo Alex seu vice. Propôs fazer uma dupla. Foram de tal maneira ao pleito eleitoral, que era o PSB e ganharam em 1959. Em 4 meses de instalação da prefeitura em Olhos D’Água, que foi sede do município, pois Alexânia não existia era só o alto de um platô de fazendeiros, então levou para a BR 060 que vinha sendo construída. Até 1963 a administração ainda tinha o nome de prefeitura de Olhos D’Água, mesmo que num prédio na BR. Ele foi prefeito, criou Alexânia e governou durante 4 anos, deixando seu “amigo” Geminiano e Olhos D’Água no isolamento”.

“Quando Deus quer perder um povo, tira-lhe a memória este dito popular representa bem a que venho colaborar com vocês. Que a gente não se perca na vida, que sigamos, mas sem perder nossas raízes. Da onde sou? Pra onde vou? São perguntas que cada um precisa se pôr a pensar. Toda a história dos moradores, de vida é importante sabermos. Conhecer de onde viemos. Essa colaboração que venho trazer. Sou o morador mais antigo de Olhos D’Água, cheguei aqui há 46 anos atrás. Moravam aqui o pai da professora G, Seu Manoel, Seu Mané Russo, Seu Almir Farias... Em 1971 Laís Aderne, minha então esposa, fizemos o Mutirão das Fiandeiras. Já existia aqui uma prática antiga da gambira, Laís ouvia histórias dos artesãos... Eles sabiam aproveitar muito do Cerrado: a fibra do buriti, algodão pra fiar, remédios caseiros, bonecas de pano, colchas... Laís percebeu que o artesanato podia trazer renda para aquelas pessoas, que eram bastante humildes. Naquela época depois do mutirão, muita gente deixou a

agricultura pelo artesanato. Elas aprendiam a fiar com a mãe e com o tempo começavam a trabalhar com isso. O treinamento e a dedicação no fazer era o que fazia as artesãs continuarem. Hoje é diferente tem que ter mais pontos de venda para comercialização, mais eventos culturais. Os artesãos se queixam da dificuldade na divulgação e no transporte dos produtos para as feiras que acontecem. Tem que ser fortalecida as associações. Daí com a Feira de Troca de Olhos D`Água apareceu, mas tudo graças a cultura deste lugar. É importante garantir a permanência do homem a sua terra. Deve haver estímulos para essas ações. O estímulo ao artesanato é uma forma de valorizar o saber do povo, mas deve haver também parcerias públicas para não interromper a ligação com suas raízes. O governo deve apoiar propostas culturais, caso contrário, esses saberes vão se perdendo. Hoje é o 3ºacontecimento turístico de Goiás, perde para Pirinópolis com a Cavalhada e para Goiás Velho com a Festa do Fogaréu”.

“O dia que Olhos D`Água resolver se guiar por seus próprios meios, conseguir eleger ao menos um vereador, enquanto os políticos de Alexânia vêm mandar e pedir votos, enquanto o povo não resolver se unir e votar nos candidatos daqui. Precisamos ter uma cultura e uma política própria. Política para resolver problemas de Olhos D`Água. A cada final de mandato ficamos neste abandono, Não temos subprefeito ficamos na dependência e no favor de Alexânia. Precisamos cair na real e resolver gerir com gente daqui. Resolvemos montar chapas com este e depois outro candidato para ser vereador, mas foi uma penúria. Foi uma tristeza, cadê os votos desse povo?”

Todos consideraram importante essa oportunidade de poder contar a história local e poder ouvi-la. A professora G chamou a atenção dos estudantes: “Vocês estudantes irão no futuro contar estas histórias. Este legado é de vocês. São estas pessoas aqui que mais conhecem e sabem do nosso lugar. Quando criança fiz parte do grupo de catira e de teatro da Laís Aderne. Conheci o grupo de congada de Catalão, tinha muita festa no Coreto, participei da inauguração e nunca me esqueci. Muitos momentos marcantes. A riqueza da cultura e dos eventos locais. Hoje se vê os jovens envolvidos com drogas e nem conhecem o tanto que aconteceu e ainda acontece por aqui”.

O professor Armando complementou dizendo que: “Agora é com vocês professores, estudantes que tem que ser ativos no seu tempo e neste lugar. Eu dou parabéns a pesquisadora pela iniciativa, a Escola, a diretora C por esta proposta de promover a cultura e o Cerrado, com novas maneiras de ensinar. É importante recordar das coisas”.

Durante a entrevista narrada acima também esteve presente o marceneiro e mestre local Seu Antonio Costa, antigo morador de Olhos D'Água, monitor da oficina de cestaria da Escola Experimental de Sinclei Fazzolino. Seu Antonio se manteve quieto na entrevista e bastante emocionado. Posteriormente disse que esse tipo de encontro era muito raro de acontecer, que era importante demais lembrar essa história, que muitos companheiro já tinham morrido, mas que a memória estava viva pra quem quisessem ouvir, neste caso, as crianças e a escola puderam ouvir um pouco desta história.

A Dona Jorzina se colocou à disposição para voltar em outra ocasião: “Esta é uma enorme oportunidade de aprendizado. Vocês são o futuro. Vocês aproveitem a experiência de saber sobre o lugar. Conhecer o Cerrado. Não deixem cair no esquecimento. As riquezas do Cerrado como as plantas medicinais por exemplo. Conhecer antes de acabar. Estou aposentada, mas minha vida foi trabalhar na Escola rural, multisseriada e ensinar sempre andando por aí, vendo as coisas, na realidade, na prática. Podem sempre me chamar pra essas conversas, estou sempre buscando algo novo para aprender e poder ensinar”.

Houve uma grande satisfação por parte dos mestres em comparecer a escola para falar da história de Olhos D'Água como ressaltou Dona Silene: “Um povo a perder-se, memória é como uma bússola. Cheguei aqui atraída pela Feira do Troca. Já trabalhava com folgedos, com história popular no Acre”. Após a palestra, os estudantes prepararam os roteiros de perguntas para poderem entrevistar aos convidados na escola.

Os mestres locais foram valorizados não só pela comunidade, mas no contexto escolar, o que muito os comoveu, participar na escola como “professor” era coisa que alguns não imaginavam, apesar de toda sua cultura e conhecimento, alguns são semianalfabetos, não sabem ler e escrever direito. Foi uma experiência enriquecedora constatar o interesse e o comportamento dos estudantes durante a entrevista; eles não foram chamados atenção, nem corrigidos pela professora, nem mesmo reprimidos pela indisciplina, como acontece rotineiramente nas atividades da classe.

Um dos mestres convidados no projeto foi Seu Pedro Samambaia, poeta, músico, conhecedor dos hábitos dos animais e das plantas do Cerrado. Seu Pedro nos deixou em dezembro de 2012 e na Feira do Troca foi feita homenagem a sua personalidade simples e sábia e a sua obra de composições musicais e poéticas. Todo o material deste trabalho também será entregue a sua família numa forma de gratidão por todo conhecimento repassado e principalmente por todos os momentos de alegria

vividos. Ele cantava: “Não matou, não roubou, então, pra que prender os pobrezinhos, não matou, não roubou, então, pra que prender os passarinhos”.

Os estudantes queriam publicar um jornal com o resultado das entrevistas e suas redações, mas não puderam realizá-lo por conta das provas. Nós temos os registros fotográficos sobre cada etapa do projeto, assim como, textos, desenhos, os depoimentos e entrevistas transcritos. Não foi possível gravar em vídeo as atividades de saída de campo mas as imagens obtidas nas fotos foram apresentadas aos estudantes como forma de analisar e avaliar o conjunto de atividades propostas pelo projeto realizado na escola GFQ.

5. Análise e Avaliação dos Resultados

O bioma Cerrado foi contemplado no planejamento escolar, assim como, as nascentes, os rios, as matas, os frutos, as fibras e seu aproveitamento alimentar, medicinal e artesanal. A cultura local foi revista pelos estudantes, valorizada e apreciada como um valor que não pode ser esquecido e que exige atitude e ações que promovam a sua continuidade.

Por fim, o que mais nos surpreendeu foi o diálogo entre as gerações e o envolvimento da família com as atividades realizadas pelas crianças porque um dos fatos gerados foi à repercussão dos temas no convívio comunitário e nas famílias. Dona Jorzina Gomes foi uma das mestras convidadas a participar do projeto da saída de campo ao Cerrado e da roda de conversa; o seu depoimento demonstra a importância da aproximação entre a escola e a comunidade:

“Quando a Mariana me convidou pra dar aula pros meninos, eu gostei muito. Eu era professora numa escola rural na Fazenda São João da Raquel numa turma multisseriada, era do 1º ao 4º ano. Lá eu fazia muito isso de sair com a turma pro campo, pro Cerrado. Essa proposta me lembrou da Escola Ativa que trabalhei lá. Fazíamos capacitação em Goiânia pra poder ser professora da Escola Ativa. Quando saía com os meninos era matemática, contando os passarinhos, ciências conhecendo as plantas medicinais e vendo a criação divina, a perfeição de tudo que Deus criou, ainda ensinava religião. Essa proposta de Cultura e Meio ambiente é muito boa porque desperta a curiosidade, o aluno pergunta o que é isso, pra que serve aquilo. Também a amizade, o companheirismo fica mais fácil. Os estudantes passam despercebidos pelo Cerrado, pra

eles é normal, é mato. Agora eles sabem reconhecer. Se a gente não faz isso, vai morrer, eles não sabem remédio pra dor de barriga, periga cair no esquecimento. A dificuldade é que os professores pensam que vai dar mais trabalho sair da sala com a turma. Mas na sala, os estudantes ficam sufocados, aí que dá trabalho. Quando a gente sai com eles, você viu, não dá trabalho eles gostam demais e vão aprendendo muito mais e nem em tempo de briguinhas. Também tem o problema dos pais com estas saídas. Eles dizem assim que põem o filho na escola é pra ficar na sala de aula, não é pra sair por aí andando no mato. Pode me convidar de novo eu sempre saía com meus estudantes, acho que ele tem que aprender com a realidade, na prática. Veja só num canteirinho posso ensinar sobre as operações, sobre área, perímetro. Você levou eles pra conhecer a origem do lugar, lá na mina, a história, depois eles comentam e contam para outros e voltam lá pra ver as mudinha plantadas. Se a gente conversa com o aluno, faz amizade com eles conversando sobre a história deles a gente fica amigo e daí nunca precisa brigar, a gente sabe conviver assim. Você viu o quanto que eles aprenderam sobre tudo que a gente vive aqui, isso tudo não tem nos livros, eles nunca iriam aprender assim, se não tivesse a sua aula, não iam saber destas histórias. Agora eles estão tudo vaidoso, também viram filmes de Olhos d'Água e ali eles se reconheceram, né viram que o povo de fora dá valor nisso aqui que nós temos, então, eles também se sentiram importantes”.

Analizamos nos relatos diferentes considerações relativas a níveis diversos de mobilização e aceitação dos diferentes atores da escola diante ao projeto. Houve uma sensibilização a ecologia a partir da questão cultural e ambiental que ocorreu nos envolvidos pelo projeto. Os estudantes passaram a considerar-me como uma nova professora de passeios, de receitas, de experiências de campo e conversas livres, onde eles tanto aprendem, quanto ensinam e juntos todos passamos a ter um novo olhar de direitos e deveres, de responsabilidades e valores ambientais, culturais e comunitárias.

Nas redações e depoimentos dos estudantes pudemos ler e ouvir comentários positivos sobre as atividades realizadas como da aluna L que nos relatou o seguinte: “Acho que as pessoas em vez de ficar poluindo os rios, provocando queimadas podiam colaborar com quem faz. É tão simples a cidadania. Tem que ter juízo e ter também árvores para plantar para termos a nossa água. A gente não vive sem água, mas as pessoas precisam ter a consciência de fazer isso”. Enquanto que a aluna ML deu maior importância ao valor cultural e dos artesãos para a preservação do lugar: “O lindo artesanato do Lourenço e da Fatinha são a cultura daqui e isso é ótimo para a cidadania

e o povoado de Olhos D'Água. Esse trabalho tem sempre que existir, isso é a vida e a cultura dessas pessoas”.

Houve certa mudança na percepção sobre o Cerrado como revelou a aluna J que “nunca tinha ido ao Morro da Alegria, agora sei que lá é o Cerrado e não pode desmatar por nada”. O aluno V fez observações sobre as mudanças de hábitos culturais: “antes não tinha tantos carros, nem vendas aqui, agora quase não tem cavalo e tem todo tipo de bala e brinquedos nos bares. A gente podia ir no rio banhar, agora eu fico vendo televisão, minha mãe num deixa mais agente sai sozinho”. O aluno W afirmou que essas atividades permitiram uma maior aproximação entre os colegas: “nós voltamos lá com outros amigos naqueles lugares da mina e do cerradão pra achar mais frutinhas, fomos lá de cavalo, foi muito legal, ainda levo pra minha casa uns remédios do mato”.

Não foi possível fazer uma avaliação com toda a equipe escolar porque o horário e o cronograma de atividades escolares eram excessivos, o que não permitia a saída dos professores para outras reuniões. Então, nos limitamos encerrar o projeto com uma apresentação em power point sobre as atividades, os objetivos alcançados e avaliação do projeto pelos estudantes, a professora de turma e a direção da escola.

Este momento foi emocionante para todos porque ficou clara na expressão de contentamento, o aprendizado conquistado, as descobertas e os momentos de alegria vivenciados, o que permitiu criar afetos entre os integrantes do grupo. O projeto permitiu momentos marcantes para cada participante. A escola recebeu um banner ilustrativo com as fotos e texto do “Projeto Cultura e Meio Ambiente” esteve exposto no pátio de entrada da escola, dando boas vindas e lembrando aos estudantes e a equipe sobre a importância de olhar para o ambiente e a cultura local dentro da escola.

A diretora C relembra seu memorial educativo e analisa o projeto: “Na infância estudei o ginásio na Escola Experimental, além das disciplinas regulares havia oficinas nos horários opostos e optei por técnicas agrícolas (gosto muito de plantas) e o bordado, esse eu aprendi o básico... Foi um tempo marcante, despertou mais interesse pela escola...eram aulas atraentes com temas geradores de reflexões sobre o ser humano, água, solo, ar, vegetação ... com essa convivência desde criança, com a natureza, acompanhei de perto a transformação do Cerrado em pastagens e lavouras; a construção da estrada GO 139... Voltar no tempo em meio à lembranças de quando menina como atravessar o Rio Galinha e hoje passar por uma longa ponte, a diferença é grande, a mudança do aspecto geográfico também. Portanto, acredito que a conscientização precisa começar cedo, dar o primeiro passo na escola, para que cada criança possa

transmitir seu aprendizado a seus familiares. A criança é o elo entre escola e família, não é para o filho dizer ao pai o que está errado, tornar um conflito, mas para que o pai possa refletir sobre o que o filho aprendeu na escola. É preciso plantar, criar animais, colocar alimentos na mesa, concordo! Desmatam mas será que está havendo o reflorestamento? Continuo observando porém de maneira diferente, procuro aprender com outras pessoas, com outras experiências e metodologias inovadoras. A última foi com o Projeto de Intervenção “Cultura e Meio Ambiente” da Mariana. Proporcionou aulas teóricas e práticas, aulas no Cerrado, na nascente, no Coreto por apresentar uma história cultural do local, o que num momento, gerou preocupação quanto a saída das crianças para os lugares citados, mas o resultado foi ótimo! A equipe de adultos (pessoas da escola e da comunidade) que os acompanharam e que contribuíram para a realização da atividade ficaram sensibilizadas com tudo aquilo que nem reparavam como era importante. Na própria escola realizou atividades multidisciplinares, envolvendo culinária com frutos do Cerrado, uma dificuldade da escola é de não possuir uma cozinha experimental... Essa atividade envolveu leitura, cálculo, sistema de medidas, história, geografia ficou muito rico em conteúdos e foi lúdica. Todos ficavam atentos! A educação tem como compromisso formar cidadãos conscientes e esse Projeto veio para preencher esse espaço. Veio incentivando e despertando os estudantes sobre a responsabilidade que nos é imposta de continuação do planeta. E para isso precisamos caminhar de mãos dadas... Reforçando os sentimentos de cidadania, ética, direitos humanos e proclamando a Paz”.

A diretora C da escola chama atenção para um outro aspecto importante a ser levado em conta: “o trabalho realizado com as crianças foi bom, mas a comunidade de forma geral é que deve ser trabalhado, o distrito de Olhos D’Água que merece muito mais em apoio da gestão pública diante aos riscos e ameaças ao meio ambiente e a cultura local. Ainda que a escola desenvolva projetos de educação ambiental, o município precisa de muito mais agentes porque Brasília e o entorno crescem para o lado de cá”. Seu depoimento está de acordo com documentos da UNESCO (1999) onde afirmam que “a tendência atual para a globalização ameaça a riqueza das culturas humanas e muitas culturas tradicionais já foram destruídas. O argumento a favor de pôr um fim ao desaparecimento das espécies também é aplicável às perdas culturais e ao conseqüente empobrecimento do acervo coletivo de sobrevivência da humanidade”.

A coordenadora I relatou que “o projeto deveria continuar principalmente a parte da alimentação, do uso dos frutos do Cerrado, daquelas receitas, todos acabaram

aproveitando e fazendo em casa. Tive experiência com educação ambiental na faculdade, cursando biologia, desenvolvemos atividades mais teóricas, para agenda 21 e aprendi que posso repassar aos outros as vivências do dia a dia”.

A professora G avalia que “foi uma experiência positiva, pois permanece vivo nos estudantes os temas, o que os torna conscientes, sabendo preservar e usufruir dos mesmo. Os estudantes cuidam mais do seu meio, se alimentam melhor, tem mais conhecimentos sobre o temas abordados. Não vejo dificuldade de tratar o tema, mas as saídas de campo são complicadas devido a segurança dos estudantes e a autorização dos pais. Os temas serão tratados na escola no currículo, com Agrinho, com Corumbá IV e no Mais Educação”.

Foram tantas sugestões dadas pelos estudantes em cada atividade que cada uma delas poderia ter sido desdobrada e muito mais aprofundada, porém, o tempo era limitado e havia certas atividades que não poderiam entrar no planejamento, pois atrapalhariam o andamento das aulas da professora que deveria cumprir o calendário escolar e o currículo estabelecido pela Secretaria de Educação de Goiás. As sugestões como a criação de um jornal, o plantio e reflorestamento comunitário, a criação de um parque na área da nascente, a parceria com a gestão pública, a implementação de atividades extra-curriculares com saídas de campo, entre outras sugestões, foram coletadas por nós e arquivadas para que em momento oportuno possam ser desenvolvidas em novas propostas.

Nós enxergamos caminhos possíveis dentro da escola e da comunidade para a construção de sujeitos ecológicos, mas, infelizmente, os professores desta escola continuarão desenvolvendo projetos de educação ambiental em 2013 através da construção de hortas, jardinagem, feira de ciências, conforme consta no PPP da escola; eles não irão incluir nada da experiência vivida no ano passado, apesar da avaliação positiva e entusiasta por parte dos estudantes. Nós compreendemos as dificuldades e a resistência dos professores em tentar mudar a educação vigente para um modelo crítico-emancipatório, mesmo quando os estudantes estão ávidos por essas mudanças. Alguns professores resistem menos porque tiveram uma educação diferenciada na década de 70 e 80 em Olhos D’Água através da Escola Experimental, pois eles tiveram a oportunidade de experienciar uma educação voltada para os valores locais, o que faz toda uma diferença na visão desses educadores.

Há indícios que além do aumento da auto-estima e da noção de pertencimento dos estudantes e mestres locais, da receptividade e engajamento da escola e da

comunidade ao projeto, ainda há resistência por parte de moradores e alguns professores para realizar mudanças de valores que de fato não podem ser transformados tão rapidamente. porque os valores não mudam imediatamente. Somente dando continuidade a projetos similares que a região poderá passar por um processo maior de conscientização ecológica e sustentável.

Ilustrações do Projeto de Intervenção, Escola GFQ Olhos D`Água 2011/2012.



Praça Central, Igreja Santo Antonio do Olhos D`Água e Coreto, Pouso de Folia e cozinheira em mutirão.



Saída de Campo do 4º ano da escola GFQ ao Coreto, a nascente de Olhos D`Água.



Distribuição das mudas para plantio na Nascente, realizada pelos alunos.



Saída de Campo ao Morro da Alegria e Seu Pedro Samambaia ensinando sobre plantas medicinais.



Preparação de bolo de Jatobá, bombom de pequi, caju, jatobá e baru. Entrevista aos mestres locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa proposta de educação ambiental escolar partiu da valorização da cultura local e do reconhecimento do lugar, o que nos permitiu obter resultados de cunho individual, coletivos e pedagógicos. Os estudantes não só apreenderam os conteúdos relativos ao meio ambiente como a preservação da nascente Olhos D'Água, as espécies nativas do cerrado e seu aproveitamento na culinária, bem como assimilaram a importância das questões culturais como artesanato, culinária e medicina popular. Os estudantes estão mais sensibilizados quanto à atitude de ser responsável e de ter cuidado com o meio ambiente e a própria cultura. Os estudantes manifestaram curiosidade e orgulho pela sua história, seus hábitos, suas tradições, suas habilidades e seus sotaques, a memória e a maestria de seus pais e avós; melhoraram o entrosamento uns com outros, aumentando também o engajamento nas ações comuns e o interesse em participar nas atividades comunitárias e escolares. Os estudantes tornaram-se mais amigos, um grupo cúmplice dos momentos de prazer e pesquisa, passaram a ter mais contato com aquilo que é comunitário e dar mais valor a sua história.

Todos os estudantes e professores, onde me incluo, enfrentaram mudanças pessoais que trouxeram a necessidade de adaptações e superações pessoais e profissionais, quando em determinados momentos éramos levados a ver sob o prisma do outro, alterar planos, diminuir expectativas, esperar pelo tempo e ritmo de aprendizado que não é único e padronizado.

Assim foi criado um território fértil, uma abertura na escola a fim de encontrar possibilidades criativas e efetivas na promoção da temática educação ambiental. Durante o projeto foram promovidos momentos de diálogo, onde os próprios estudantes puderam analisar sua realidade e entender o que está acontecendo em seu lugar, cidade, estado, país e no mundo. Eles entenderam como os seres humanos em povoados diferentes têm problemas parecidos e quais seriam as ações possíveis a serem tomadas pelos diferentes setores da sociedade; da mesma forma que compartilhamos os mesmos problemas em diferentes regiões do Brasil, também podemos compartilhar possíveis soluções e devemos aprender com os caminhos já trilhados em direção à sustentabilidade. A busca por solução dos problemas locais foi um exercício para todos, sejam crianças ou adultos, o projeto proporcionou o despertar deste exercício coletivo. Os estudantes integrados à comunidade puderam mesmo que limitadamente

experimentar ser elementos ativos na construção de uma cidadania local; partindo do pensar globalmente e agir localmente.

A escola e a comunidade absorveram, mesmo que ainda precise de continuidade, o início de uma capacitação em educação ambiental, voltada para a construção do sujeito ecológico com bases na história da educação e da cultura do lugar. A possibilidade concreta, a exemplo do projeto, de integrar a temática ambiental e cultural ao contexto educacional escolar, tornou-se de fato numa ação de construir a identidade cultural, o pertencimento socioambiental e a cidadania dos estudantes. O projeto de educação ambiental realizado na escola GFQ deu relevância ao contexto cultural local, resgatando o ambiente, os marcos no tempo e no espaço em torno da escola, o bioma Cerrado, como meio geográfico, histórico e cultural a ser estudado. Como consequência das propostas interdisciplinares do projeto, concluímos que foi gerada uma ação em direção ao protagonismo ambiental e cultural dos estudantes e da escola em relação a sua história e ao seu lugar. Vivemos numa cultura ambivalente, híbrida, onde é possível coexistir o tradicional e o tecnológico, a preservação e o crescimento, a cultura local e a conservação do Cerrado.

O fato do projeto ter sido bem recebido e aceito pela direção da escola, pela turma do 5º ano, pela professora e com a parceria dos mestres locais e da comunidade, o projeto não poderia ter transcorrido de maneira diferente. A proposta contou com o total apoio e confiança por parte da direção escolar, o que proporcionou a efetiva realização dos objetivos esperados.

O fato de ter como culminância as saídas de campo, fez com que, passado o preconceito inicial de promover tais “passeios”, a escola pode perceber a profundidade dos objetivos a serem alcançados como o resgate da memória local e a noção de pertencimento. Portanto, a proposta de integração da cultura local através dos pousos de folia, a culinária do Cerrado e o meio ambiente em atividades pedagógicas, as quais foram inicialmente rotuladas como fatores de dispersão curricular e causadores de possíveis transtornos e indisciplina dos estudantes, foram superados. De modo que houve a superação de preconceitos no campo pedagógico, o que favoreceu não só a realização do projeto, mas a “lembrança”, o reavivamento da história local e da história da educação ocorrida neste lugar. Houve um despertar por parte dos adultos, em relação a seu memorial educativo, lembrando e analisando as vivências passadas em diferentes escolas, em modos diferentes de ensinar e aprender o que modificou o seu planejamento para o futuro. Aqueles que atuam como professores puderam repensar os

preconceitos diante a cultura local e sobre sua própria identidade. Podemos notar um contato maior dos adultos com a subjetividade, com seu lado afetivo e sensível, ligado ao lugar a que pertencem e se tornaram mais conscientes do fato de serem herdeiros de uma cultura cheia de saberes que não devem ser esquecidos.

O aprendizado das crianças sobre o conteúdo de português, matemática, ciências, geografia, história estavam contextualizados na sua realidade e foram vivenciados na prática, interagindo com colegas, o que proporcionou um envolvimento tanto com os conteúdos trabalhados como uma forma de aprender com prazer. Certos estudantes possuíam dificuldades na leitura e na escrita e eram rotulados como meninos da roça, ou ainda agressivos, ou hiperativos. No entanto durante o projeto eles conseguiram ter um bom desempenho e principalmente sentiram-se integrados a turma. Eles obtiveram maior segurança na sua “fala”, no seu “jeito” de ser, pois perceberam que todos têm diferenças e dificuldades, ninguém é melhor do que ninguém. A valorização da oralidade também criou um espaço de expressão cultural e de diálogo na escola. É possível supor que a valorização cultural também perpassa pela questão da linguagem e da oralidade, criando espaços de diálogo sem preconceitos e excessivas correções.

A relevância social desta monografia está vinculada a importância dos educadores não só de adquirir e produzir conhecimento, mas em desenvolver uma sensibilidade aguçada para a complexidade da relação entre a cultura, o lugar e o meio ambiente onde está contextualizada cada escola. É necessário incluir nos projetos políticos pedagógicos das escolas uma educação ambiental contextualizada, para que os professores, independentes das disciplinas lecionadas, possam aplicar na escola o que consta nos PCN. Para isso os professores precisam ser capacitados de acordo com o que exige não só os parâmetros curriculares, mas a própria legislação brasileira. Entretanto, há um vazio entre a lei no papel, os parâmetros e os PPP, principalmente este último que muitas vezes fica dentro da gaveta, sem leitura por parte dos professores nem sua aplicabilidade em sala de aula.

A relevância acadêmica desta monografia pode ser vista sob o aspecto de que a reflexão e a prática de projetos baseados na educação ambiental podem ser integrados ao ensino formal e difundidos na sociedade, podendo servir como fonte de pesquisa para outros educadores em diferentes escolas e noutras regiões. Acreditamos que a educação ambiental precisa de professores capacitados para tornarem-se sujeitos ecológicos, pessoas engajadas e sensíveis ao lugar, que refaçam seu olhar diante a

própria relação com o outro no mundo, a fim de repensar a educação que desejam e possam pensar sobre o tipo de sujeito que pretendem formar.

Acreditamos que devam existir formas de incentivar a educação ambiental nas escolas a nível formal e informal e incrementar a educação ambiental em cada região através de eventos e premiações para fomentar a educação ambiental entre os municípios e os Estados, conferindo prêmios à categoria de professores e estudantes através de concursos, por exemplo: “Diário do educador ambiental” ou “Diário do aluno ecológico”, ou ainda “Escola Sustentável”. É necessário desenvolver materiais didáticos como cartilhas para os professores com proposta de educação ambiental para o ensino fundamental, por exemplo, sugerindo atividades locais como Semana de Cultura e Meio Ambiente, Seminário de Educação Ambiental na rede Municipal nas escolas rurais e urbanas que poderia ser planejado pelos estudantes e professores como um evento pedagógico interdisciplinar, integrando o currículo e a temas transversais. Seria possível integrar as novas tecnologias na produção de materiais audiovisuais como, por exemplo, o dvd Alfabetização ecológico: ABCERRADO produzido pela Profa Rosângela Corrêa da Faculdade de Educação/UnB e blogs interativos.

Através do projeto de pesquisa foi possível experimentar na prática o aprendizado das disciplinas da graduação; tudo que aprendemos ao longo do curso de graduação em Pedagogia. Percebi durante a pesquisa o amadurecimento do que é ser educador e educando. Pude vivenciar, o que em teoria, já havia compreendido sobre a simplicidade, a escuta sensível, a visão holística, a sustentabilidade, as teorias nas disciplinas de Fundamentos da Educação Ambiental, Didática, História da educação, Antropologia e Educação, Língua Materna, EJA, Filosofia, Psicologia da Educação.

Na prática, a proposta do projeto de pesquisa exigiu paciência e persistência. Testar, observar, planejar, ousar, esperar, articular, redigir, errar, duvidar, questionar, perder, lamentar, realizar, mas nunca desistir. Internalizar o processo educativo e não projetar-se fora de si para justificar os problemas pessoais no outro, isso foi fundamental para não perder o equilíbrio e atenção durante o percurso. Aprender fazendo. Reflexão-ação-Reflexão. Teoria e prática. A dualidade e a complementaridade da crítica e da criação, da ordem e do caos, da poesia e das regras acadêmicas estiveram presentes durante o processo de pesquisa. O processo de ação-reflexão foi inerente ao fazer pedagógico desde a elaboração até a conclusão final.

Aprendemos que a educação ambiental deve ser uma educação contextualizada e comprometida com a sustentabilidade de cada região e do planeta que compartilhamos,

portanto, os educadores que pretendem avançar nesta área devem observar os caminhos já trilhados e manter-se atento as mudanças de cada tempo, pois o processo de ensinar-aprender está em constante construção.

Inegavelmente que é necessário a continuidade e a difusão de projetos educacionais relativos à cultura e meio ambiente para que realmente se promova a transformações dos valores e o sentido de pertencimento com o lugar. Precisamos de políticas públicas que promovam a educação ambiental na realidade municipal de Alexânia, para isso é preciso valorizar o professor, resgatando suas memórias e traçando perspectivas como um pesquisador e produtor de conhecimentos a partir de sua cultura local. Que os educadores possam gerar conhecimentos com suas pesquisas e que estas possam retornar a sua fonte, a seus lugares de origem, para criar melhorias no campo pedagógico, social e cultural.

O registro das histórias, das memórias, dos saberes e fazeres deste lugar acabaram gerando uma necessidade histórica e pedagógica que vão além do objetivo desta monografia, porém para isso, ainda seria necessário mais tempo e ampliação das fontes de pesquisa, a fim de aprofundar e detalhar acerca da história, da cultura e da educação neste lugar.

PERSPECTIVA PROFISSIONAL FUTURA

Chegamos ao fim de uma etapa da vida, e com ele o desejo de que eu possa dizer em breve: Sou pedagoga!

Consegui fazer escolhas coerentes e ainda acredito no caminho que escolhi. Parti da reflexão-ação, e agora, retorno para a reflexão. O TCC teve relação com meu jeito de ser e com o lugar que vivo. Poder interligar o trabalho, a formação acadêmica e o convívio social exigem sensibilidade e esta sensibilidade é o que venho desenvolvendo como estudante de pedagogia. Venho aprendendo a ter mais tato. Venho aprendendo a refazer o olhar. Venho aprendendo a escutar. Venho aprendendo a silenciar mais do que falar. Venho aprendendo coisas simples, delicadas e essenciais para a relação com o outro. Principalmente agora que tenho um propósito e estou prestes a ser pedagoga. Acho que coincidências não existem. As escolhas que fiz me fizeram ser o que sou e estar onde estou. Tais escolhas foram sendo construídas e geraram uma linha no tempo, uma história, um caminho de pesquisa, de atuação pedagógica e de ação cidadã. Até onde este caminho pode me levar? Não sei. Não sabia nem que aqui estaria! Só peço a Deus e as energias do Universo, que enquanto estiver caminhando, possa observar a paisagem e me encantar com a vida. Sonho em ser uma professora, como aqueles que marcaram e foram decisivas no meu caminho. Descobri meu papel, eu era uma folha em branco, e a cada dia, nas interações com as pessoas e com o mundo, esta folha foi sendo preenchida, colorida, manchada, aumentada, diminuída, cortada, amassada, reciclada, reinventada... Desejo ser transformada pelo mundo e também poder transformá-lo, respeitadas as proporções. Ser uma educadora feliz, que gosta de fazer o que faz e de ser quem é. Estar conectada com o outro e com o mundo, sempre sensível e atenta às mudanças.

Pensar no futuro é algo sutilmente pretensioso. O meu bairro, o Brasil, o mundo, o planeta não tem futuro certamente previsível, nem tão pouco as pessoas. Como vivo e enxergo a vida ao alcance da vista, a cada horizonte, só posso me ater ao presente, que já é por demais rico e exigente. Se a vida já está traçada, desenhada na palma da mão, o destino de cada um, uma missão, um karma, ou se ao contrário, o futuro vai sendo construído a cada passo na estrada... Não sei e não pretendo desvelar os mistérios da vida, da existência humana, gosto de degustá-los. Na vida os planos podem ser um grande acaso. Somos um papel solto ao vento, ou por fim, se a ordem e o caos se

misturarem e ainda podermos brincar como num jogo de amarelinha, onde você pula com habilidade as casas mas não sabe onde vai cair a pedrinha, sabemos ao menos que a meta será chegar ao céu, onde tudo volta ao início... Como os hindus contam que a vida é uma grande LEELA, brincadeira divina, ou mesmo como as moiras fiando, tecendo e cortando o fio do destino de cada pessoa. Gosto de pensar que os acontecimentos vêm, que os planos são boas estratégias, mas não é positivo se prender demais a eles, que é preciso ter uma entrega, um tipo de fé, uma liberdade de acreditar numa dimensão maior que dá sentido, desafia e nos surpreende sempre.

Hoje aconteceu algo interessante que me faz pensar sobre perspectivas futuras: meu filho de 10 anos, Caetano, me escolheu para fazer uma entrevista. A entrevista deveria ser com alguém que ele considerasse sonhador, empreendedor. Eu estava por ali, bem perto na cozinha, preparando um almoço e ele por comodidade acabou me escolhendo. Foi chegando com seu caderno e lápis para anotar as respostas. Perguntou-me sobre sonhos e como foi para realizá-los. Lembrei-me da minha primeira gravidez, da estrela cadente que vi no céu, da certeza que era uma menina e se chamaria Isadora. Lembrei-me da segunda barriga e do susto de já estar no quarto mês com um menino quase pronto, de tantos arco-íris que via no céu e que o seu nome que seria Caetano. Fiquei emocionada e respondi a ele que eu estava sendo entrevistada por um dos meus maiores sonhos. Quando ele entrou na escola, por volta dos seus 4 anos, ele ficou muito contente mas tal alegria só durou um mês. Amassava todos os desenhos e não queria mostrar para ninguém; ele queria ficar em casa com a irmã Dodora. Ele não dormia bem, queria atenção integral até que ele viu que a mamãe também estudava. Foi assim todo o período da UAB/UnB, uma batalha nem sempre fácil de conciliar: casa, filhos, marido, trabalho e estudos. Muitas horas na frente da tela do computador, fazendo leituras, tarefas e trabalhos. Ganhei graus nos óculos para melhorar a visão. Nem sempre podia estar nas festas, nos passeios e viagens por causa de encontros presenciais ou de compromissos acadêmicos. Desde 2007 até 2013 foram seis anos de dedicação e empenho de toda a minha família. Ao longo desse período de formação fui realmente formando uma nova visão de mim mesma, da vida e da maneira pela qual me integro à sociedade e percebo o mundo.

Minha vida foi sendo construída assim, sem previsão e sem rascunho, acabou saindo do meu jeito, com o meu gosto. Agora meu maior plano é ver meus filhos realizando seus próprios sonhos, construindo seus caminhos. Para tanto, não posso ficar

pra trás. Tenho que estar atualizada, com a mente aberta e o pé na estrada, pronta para o hoje e o amanhã. Hoje sou mãe, esposa, dona de casa, sem modéstia, sou boa cozinheira, estudante serei sempre, trabalho como autônoma, sou cidadã atuante em Olhos D'Água, de alguns sou amiga, continuo dançando, tramando, trançando, escolhendo os caminhos, aprendendo a confiar na vida, no destino. Gosto de estar na natureza. Anseio por melhorar as condições de vida no lugar que escolhi pra viver e onde meus filhos crescem. Olhos D'Água é um bom lugar para criar meus filhos até certa idade, quando eles poderão sair sozinhos e seguros para onde quiserem. Não preciso de muito, aliás, vivemos com pouco, mas escolhemos cada filme que assistimos, cada música que ouvimos. Não tenho mais 20 anos, aliás, nem 30, na faixa dos 40 preciso ter foco e lançar a flecha no alvo. Pretendo continuar morando onde estou, perto o suficiente de Brasília, mas longe o necessário para ter uma vida com qualidade. Pretendo me capacitar para ser pedagoga com especializações na área ambiental e na gestão escolar; fazer um mestrado em educação ambiental; continuar a vida acadêmica por assim dizer. Pretendo trabalhar na região do município com projetos nesta área da pedagogia, interligando cultura e meio ambiente. Profissionalmente posso vir a fazer concursos também para o Estado e no município. Poderia atuar como professora nos polos da UnB, UEG ou UFG, trabalhando com ensino a distância. Gostaria de atuar na prefeitura municipal de Alexânia com projetos para a área de educação ambiental ou atuar junto ao Ministério Público em relação aos planos e medidas ambientais para contenção das voçorocas e da preservação das nascentes. Seria interessante atuar na Secretaria de Meio Ambiente como pedagoga e implantar no município projetos para educadores sustentáveis e garantir o selo verde para Alexânia (sonhar não custa nada). Poderia pesquisar sobre o uso de cartilhas, vídeos, como ferramentas para a educação ambiental a partir da cultura local nas escolas no nível fundamental. Poderia também ser professora na UnB e lá pelos 60, quem sabe publicar um livro sobre cultura e meio ambiente nas escolas. São perspectivas futuras a curto, médio e longo prazo com diferentes graus de desafio que exigem tato, tino e empenho.

Como sempre fui idealista, e alguns dos sonhos aconteceram porque estive nos momentos certos na hora certa, há probabilidades que parte deste panorama que vejo agora pela frente aconteça realmente. Para isso ser bem sucedido, preciso além de estar preparada, acreditar que além de fazer minha parte, os deuses devem ajudar para que os planos humanos virem realidade.

Estávamos na cozinha, Caetano acabou de comer seu almoço. Todas essas visões me vieram à mente. Da janela entrava um vento que esfriava meu café. Não contei tudo, escondi grande parte para que o meu filho não comentasse depois:

- Mãe, você está viajando?!

Iríamos rir juntos, imaginando o que nos aguarda no futuro. Como diria o meu pai: O futuro aos deuses pertencem! Disso nunca me esquecerei. E assim como tudo que finda, um novo começo surge. Tudo iniciou de um sonho, de realizar os desejos mais verdadeiros, assim penso no mesmo desejo renovado que é de ver meus filhos realizando os seus próprios desejos, que se tornem indivíduos realizados, pessoas conectadas com o mundo, com o universo, sendo generosos e dóceis. O que aprendi na escola, nas brincadeiras de rua, na dança, no hospital, no cerrado, nas fazendas, na universidade, no trabalho em sala de aula, ainda me fazem querer mais; tenho muito o que admirar; por onde estiver estarei no mínimo atenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marco Antônio Chaves de. *Projeto de pesquisa: guia prático para monografia*. 5^a ed. Rio de Janeiro: Wak Editora; 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De Angicos e ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre: Mova RS: Corag, 2001.
- CALLAI, Copetti Helena. *Aprendendo a ler o mundo*. (Acesso em 25/02/2012 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000200006&script=sci_arttext)
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Estratégias para sair e entrar na modernidade*. Ed. São Paulo, 1998. (Acesso em 22/03/ 2012 <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/3981>)
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura, *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Ed. Cortes, 2008.
- CORRÊA, et al. *Educação Ambiental e Ecologia Humana: Contribuições para um debate*, DVD Alfabetização ecológica:ABCERRADO, FE-UnB. 2012.
- CORREIO BRASILIENSE Página: Internet Data: 14.05.2007.
- ENGEL, G. I. *Pesquisa-ação*. Educar, Curitiba, n. 16, Editora da UFPR, 2000.
- FAZZOLINO, Monica, *Processo Histórico do Projeto Educacional no Povoado de Santo Antonio Olhos D'Água*. Anápolis. UEG. 2005.
- GADOTTI, Moacir, *Pedagogia da Terra*. SP: Peiropolis Editora, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros, *Cultura um conceito antropológico*. RJ: Jorge Zahar Ed. 1986.
- TOKARSKI, MEIRELLES, FERREIRA. *Agro extrativismo no Cerrado - Qualificação Social e Profissional em Agro extrativismo no Cerrado-Módulo III*. Brasília, ECODATA, 2009.
- VALENTE, Ana Lucia, *Conhecimentos Antropológicos nos Parâmetros Curriculares Nacionais para uma discussão sobre a pluralidade cultural*. (Acessado em 25 de fevereiro de 2012 <https://www.google.com.br/biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/valente.rtf>)